

**UNIVERSIDADE SANTO AMARO**  
**Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas**

**Iara Donizete de Azevedo Passos**

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS CINCO EPISÓDIOS DE 2018  
DO PROJETO *DIZ AÍ*, DO CANAL FUTURA, SOB A PERSPECTIVA  
DA PRODUÇÃO MIDIÁTICA PARA A EDUCOMUNICAÇÃO**

**São Paulo**

**2022**

**IARA DONIZETE DE AZEVEDO PASSOS**

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS CINCO EPISÓDIOS DE 2018  
DO PROJETO *DIZ AÍ*, DO CANAL FUTURA, SOB A PERSPECTIVA  
DA PRODUÇÃO MUDIÁTICA PARA A EDUCOMUNICAÇÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra Interdisciplinar em Ciências Humanas.

**Área de concentração:** Sociedade,  
Cultura e Linguagem

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia  
Margarida Farias Coelho

**São Paulo**

**2022**

P321a Passos, Iara Donizete de Azevedo.

Análise do discurso dos cinco episódios de 2018 do projeto Diz Aí, do Canal Futura, sob a perspectiva da produção midiática para a educomunicação / Iara Donizete de Azevedo Passos. — São Paulo, 2023.

97 p.: il., color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) —  
Universidade Santo Amaro, 2023.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Me. Dr.<sup>a</sup> Patrícia Margarida Farias Coelho.

1. Educomunicação. 2. Televisão educativa. 3. Discurso. I. Coelho, Patrícia Margarida Farias, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

**Iara Donizete de Azevedo Passos**

**ANÁLISE DO DISCURSO DOS CINCO EPISÓDIOS DE 2018 DO PROJETO *DIZ AÍ*, DO CANAL FUTURA, SOB A PERSPECTIVA DA PRODUÇÃO MIDIÁTICA PARA A EDUCOMUNICAÇÃO.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Aprovado em:     /     /

**Banca Examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Margarida Farias Coelho

Instituição: Universidade Santo Amaro

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Hermes Hildebrand

Instituição: Universidade Santo Amaro

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. João Mattar

Instituição: Universidade Santo Amaro

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Margarida Farias Coelho, pelo empenho e pela maneira afetuosa com que sempre me orientou neste trabalho. A sua colaboração foi de extrema importância para que eu conseguisse me organizar e cumprir a minha meta. Muito obrigada por ter me motivado nos momentos em que eu pensei que não seria possível. Também quero agradecer aos professores do programa que, em meio a uma pandemia, se reinventaram e nos proporcionaram aulas magníficas, com entusiasmo próprio de quem ama o que faz. Aos professores que participaram da minha banca de Qualificação e Defesa da Dissertação, Prof. Dr. Hermes Hildebrand e Prof. Dr. João Mattar, obrigada pela contribuição ao aprimoramento do meu trabalho. Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas, em especial ao Marcos Cruz, ao José Calazans e à Marleti Rodrigues, que sempre estiveram presentes em todos os momentos. Por último, quero agradecer ao meu marido e a meus filhos, que me apoiaram nessa jornada, em que tive de me dividir entre trabalho, estudo e família, pois sabiam que fazer o Mestrado era muito importante para mim.

## RESUMO

O projeto *Diz Aí* é uma articulação entre o Canal Futura, universidades e organizações da sociedade civil, e tem como objetivo colaborar para a transformação social das juventudes por meio de oficinas dialógicas e de educação midiática, metodologia da educação popular, que valorizam a transversalidade de temas como direitos humanos, cidadania, educação, igualdade racial e de gênero. O resultado de todo esse processo formativo e de construção coletiva aparece na série *Diz Aí*, que vai ao ar no Canal Futura e nos Canais Globo desde 2008. A pergunta que esta pesquisa pretende responder é: Como se caracteriza a produção de um programa audiovisual educacional na TV aberta? Partimos da hipótese de que a proposta da produção do projeto *Diz Aí* se caracteriza como um exemplo da prática da educação nas produções midiáticas por promover o diálogo e a participação de jovens em um processo de contraposição e contradição de ideias, colocando-os como protagonistas, sendo esse um dos princípios da educação. A escolha desse tema se justifica pela importância da responsabilidade social dos grandes grupos de mídia na criação intencional de produções audiovisuais que estimulem a reflexão sobre a realidade e o protagonismo dos jovens, com o intuito de provocar transformações na sociedade. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso dos cinco episódios da edição de 2018 do projeto *Diz Aí*, exibidos no Canal Futura, a partir dos parâmetros da Educação. Os objetivos específicos são: (i) mapear as bases teóricas do conceito de Educação, sua evolução e suas aplicações; (ii) caracterizar como as produções midiáticas na TV aberta podem contribuir para criar espaços dialógicos e educar informalmente, contribuindo para a construção da cidadania; (iii) discutir como as práticas da Educação são identificadas no programa *Diz Aí* a partir da análise do discurso dos episódios da temporada 2018 do programa. O *corpus* escolhido foram os cinco episódios da edição de 2018 – *Diz Aí Afro-Indígena*. O arcabouço teórico que sustenta este trabalho de caráter interdisciplinar são os estudos sobre Educação – de Freire (2020, 2021) –, da Comunicação – Kaplún (1998), Barbeiro (2014), Calazans e Braga (2001) –, Educação – de Soares (2000, 2014), Citelli (2011) e Almeida (2016), e Análise do Discurso – Fiorin (2000, 2011) e Orlandi (2008), dentre outros. A metodologia parte de uma abordagem qualitativa e teórica, com objetivo exploratório a partir da leitura e análise da bibliografia sobre o tema, documentos do site do Canal Futura e os episódios da série exibidos em 2018, disponíveis no site Canais Globo (GIL, 2002). Os resultados alcançados evidenciam que as práticas utilizadas no programa *Diz Aí* estão alinhadas aos parâmetros da Educação e são indicativas de como pode ser realizada uma produção midiática com fins educacionais.

**Palavras-chave:** educação; tv educativa; discurso.

## RESUMEN

El proyecto *Diz Aí* es una articulación entre Canal Futura, universidades y organizaciones de la sociedad civil y tiene como objetivo colaborar para la transformación social de la juventud a través de talleres dialógicos y educación en medios, metodología de educación popular, que valoran la transversalidad de temas como derechos humanos, ciudadanía, educación, igualdad racial y de género. El resultado de todo este proceso formativo y de construcción colectiva aparece en la serie *Diz Aí*, que se transmite por Canal Futura y Canales Globo desde 2008. La pregunta que pretende responder esta investigación es: ¿Cómo se caracteriza la producción de un programa audiovisual educomunicativo en la TV abierta?? Partimos de la hipótesis de que la propuesta de producción del proyecto *Diz Aí* se caracteriza como un ejemplo de la práctica de la educomunicación en producciones mediáticas para promover el diálogo y la participación de los jóvenes en un proceso de oposición y contradicción de ideas, ubicándolos como protagonistas, siendo este es uno de los principios de la educomunicación. La elección de este tema se justifica por la importancia de la responsabilidad social de los grandes grupos mediáticos en la creación intencionada de producciones audiovisuales que estimulen la reflexión sobre la realidad y el papel de los jóvenes, con el objetivo de provocar transformaciones en la sociedad. Por tanto, el objetivo general de esta investigación es analizar el discurso de los cinco capítulos de la edición 2018 del proyecto *Diz Aí*, emitido en Canal Futura, a partir de los parámetros de la Educomunicación. Los objetivos específicos son: (i) mapear las bases teóricas del concepto de Educomunicación, su evolución y sus aplicaciones; (ii) caracterizar cómo las producciones mediáticas en TV abierta pueden contribuir a generar espacios dialógicos y educar informalmente contribuyendo a la construcción de ciudadanía; (iii) discutir cómo se identifican las prácticas de educomunicación en el programa *Diz Aí* a partir del discurso utilizado. El *corpus* escogido serán los cinco episodios de la edición 2018 – *Diz Aí Afro Indígena*. El marco teórico que sustenta este trabajo interdisciplinario son los estudios sobre Educación – de Freire (2000, 2011) –, Comunicación – Kaplún (1998), Barbeiro (2014), Calazans y Braga (2001) – Educomunicação – de Soares (2000, 2014), Citelli (2011) y Almeida (2016) – y Análisis del Discurso – Fiorin (2000, 2011), entre otros. La metodología parte de un abordaje cualitativo y teórico, con un objetivo exploratorio basado en la lectura y análisis de la bibliografía sobre el tema, documentos en el sitio web de Canal Futura y los episodios de la serie exhibidos en 2018, disponibles en el sitio web de Canals Globo (GIL, 2002). Los resultados alcanzados muestran que las prácticas utilizadas en el programa *Diz Aí* están en línea con los parámetros de la Educomunicación y son indicativos de cómo se puede llevar a cabo la producción de medios con fines educomunicativos.

**Palabras-clave:** educomunicación; televisión educativa; discurso.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fases da Educação Popular no Brasil.....	25
Quadro 2 – Áreas sistematizadas e exemplos de ações a serem desenvolvidas .....	33
Quadro 3 – Domicílios brasileiros (%) com TV .....	41
Quadro 4 – Tipos de televisão nos domicílios brasileiros .....	41
Quadro 5 – Conceitos apresentados por Fiorin (2021).....	67
Quadro 6 – O discurso, segundo Orlandi (2008).....	69
Quadro 7 – Frases exibidas na tela durante os episódios (I) .....	70
Quadro 8 – Exemplos de enunciados identificados no programa.....	75
Quadro 9 – Frases exibidas na tela durante os episódios (II) .....	78

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cena do episódio: Weverton indo para o trabalho .....	50
Figura 2 – Cena do episódio: parede da casa de Yara.....	51
Figura 3 – Cena do episódio: Jackson durante a aula.....	52
Figura 4 – Cena do episódio: Breno indo para a escola de dança.....	53
Figura 5 – Cena do episódio: Lucas Tiago e Flauber .....	54
Figura 6 – Cena do episódio: Efigênia indo para o trabalho.....	55
Figura 7 – Cena do episódio: Bruno em sua casa .....	56
Figura 8 – Cena do episódio: Verilucy na escola onde leciona .....	56
Figura 9 – Cena do episódio: Fanny em sua casa .....	57
Figura 10 – Cena do episódio: Awenã faz vídeos para seu canal no Youtube .....	58
Figura 11 – Cena do episódio: Ana Paula dá depoimentos em sua casa.....	59
Figura 12 – Cena do episódio: fazendo o roteiro .....	60
Figura 13 – Cena do episódio: escolhendo pautas .....	60
Figura 14 – Cena do episódio: líder do projeto explica que será trabalhado o eixo temático da juventude negra e indígena .....	60
Figura 15 – Cena do episódio: jovens reunidos produzem para o projeto.....	61
Figura 16 – Cena do episódio: jovem desenvolve material para o projeto .....	61
Figura 17 – Cena do episódio: jovem edita material gravado.....	61
Figura 18 – Cena do episódio: com o educador social .....	62
Figura 19 – Cena do episódio: entrega de certificados .....	62
Figura 20 – Cena do episódio: Thamires e Larissa, diretoras do projeto .....	62
Figura 21 – Publicações do projeto <i>Diz Aí</i> , disponíveis no Canal Futura .....	63
Figura 22 – “Nuvem” de palavras a partir do depoimento dos participantes.....	72
Figura 23 – Cenas das casas dos participantes de alguns episódios do programa ..	79
Figura 24 – Mosaico com as palavras que fazem parte da vinheta da abertura do programa.....	79
Figura 25 – Mosaico com cenas de oficinas .....	85
Figura 26 – Festas culturais na periferia de Salvador (BA).....	86

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
<b>1 EDUCOMUNICAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO INFLUENCIADO PELA EDUCAÇÃO POPULAR E A ATUAÇÃO DO EDUCOMUNICADOR ....</b>	<b>15</b>
1.1 As bases teóricas da Educomunicação e sua consolidação.....	15
1.2 A educação popular na América Latina e sua influência na Educomunicação .....	23
1.3 O educador e as áreas de intervenção na Educomunicação .....	30
1.4 Produção midiática – uma modalidade de intervenção educacional ...	37
<b>2 A PRODUÇÃO MÍDIÁTICA AUDIOVISUAL EDUCATIVA – O CANAL FUTURA .....</b>	<b>40</b>
2.1 A importância da produção midiática audiovisual na democratização do ecossistema educacional .....	40
2.2 Canal Futura, criando espaços dialógicos na televisão .....	44
2.3 O projeto <i>Diz Aí</i> .....	48
2.3.1 Episódios da edição de maio de 2018 (a última antes da pandemia)	50
2.3.2 Guia Pedagógico do Programa <i>Diz Aí</i> e Anuário 2018.....	63
<b>3 ANÁLISE DO DISCURSO: PROGRAMA <i>DIZ AÍ</i> X EDUCOMUNICAÇÃO .....</b>	<b>65</b>
3.1 O discurso do Programa <i>Diz Aí</i> .....	65
3.2 O discurso da Educomunicação do Programa <i>Diz Aí</i> .....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a produção audiovisual a partir da perspectiva da Educomunicação. A Educomunicação nasceu da reflexão de que novas práticas se formaram na interface da Comunicação e da Educação que eram diferentes das práticas isoladas de cada uma das áreas de conhecimento. Para Soares (2000), Educomunicação significa planejar, implantar e avaliar processos e produtos para criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários da mídia de massa, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas.

As bases da Educomunicação partiram das experiências ocorridas na década de 70 e 80, na América Latina, na Educação Popular, onde se desenvolviam projetos e processos pautados na dialogicidade e na comunicação alternativa, com a perspectiva política de fazer frente ao sistema para apoiar as mudanças sociais (SOARES, 2014). Paulo Freire, no Brasil, com a Educação Popular, Mário Kaplún, jornalista uruguaio que vivia na Argentina, com a busca de veículos alternativos de comunicação, dentre outros comunicadores, artistas e educadores, se articularam como forma de resistência, de fugir do controle, por meio de um planejamento de práticas compartilhadas dos processos, somados à gestão solidária do uso dos recursos disponíveis à época (SOARES, 2014).

No Brasil, coube aos pesquisadores acadêmicos identificar esse movimento e sistematizá-lo. As pesquisas nessa área se concentraram inicialmente na Escola de Comunicação e Artes da USP (ECA), na década de 80, onde foi fundado o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) para incentivar o diálogo com a população e universidades, com o objetivo de criar iniciativas para incentivar a prática da cidadania e entender a interface educação e comunicação. O núcleo foi responsável por capacitar alunos e professores em Educomunicação e difundir o conceito para outras áreas de conhecimento; além disso, desenvolveu projetos para a Prefeitura de São Paulo, como o Mais Educação, em 2008.

A Educomunicação foi reconhecida como área de conhecimento em 1999 e, em 2011, a Universidade de São Paulo (USP) passou a oferecer o curso de licenciatura em Educomunicação, com pedagogia específica para a formação desse

profissional, que será um gestor de processos de comunicação no âmbito da educação e deve conhecer muito bem educação, comunicação, suas linguagens e tecnologias. Atualmente, várias universidades no Brasil já ministram cursos nesta área de conhecimento, porém os estudos a respeito da metodologia e sua aplicação ainda ficam muito restritos à esfera acadêmica. Em 2021, a Academia Brasileira de Letras (ABL) publicou pela primeira vez o conceito de Educomunicação, na seção novas palavras, que é dedicada a novas palavras ou expressões que passaram a ser usadas de forma corrente na língua portuguesa.

Nesta pesquisa vamos analisar o discurso da produção midiática audiovisual na TV aberta a partir dos parâmetros da Educomunicação, com este propósito foi escolhido como material de análise o projeto *Diz Aí*, realizado pela Fundação Roberto Marinho em parceria com universidades e organizações da sociedade civil, como, por exemplo, a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Fundação Bradesco, Itaú Social, etc.

Neste projeto são promovidas oficinas audiovisuais em diversas cidades pelo Brasil, presenciais ou online, com jovens estudantes; posteriormente, essas oficinas dão origem aos episódios do programa *Diz Aí* exibido pelo Canal Futura que pertence ao Grupo Globo. Neste trabalho serão analisados os cinco episódios da edição de 2018 – *Diz Aí Afro-Indígena*, que é a mais recente produzida pelo canal. Segundo o site do canal, o projeto *Diz Aí* tem a missão de colaborar para a transformação social das juventudes através de oficinas dialógicas e de educação midiática que valorizam a transversalidade de temas como direitos humanos, cidadania, educação, igualdade racial e de gênero.

De forma geral, entende-se como produção midiática o conteúdo produzido pelas mídias e, em se tratando, da Educomunicação, o conteúdo produzido com intencionalidade educativa, seja ele para comunicar valores ou conceitos (ALMEIDA, 2016). Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso dos cinco episódios da edição de 2018 do projeto *Diz Aí*, exibidos no Canal Futura, a partir dos parâmetros da Educomunicação.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: 1) Mapear as bases teóricas do conceito de Educomunicação, sua evolução e suas aplicações; 2) Caracterizar como as produções midiáticas na TV aberta podem contribuir para criar espaços dialógicos

e educar informalmente, contribuindo para a construção da cidadania; e 3) Discutir como as práticas da Educomunicação são identificadas no programa *Diz Aí* a partir da análise do discurso dos episódios da temporada 2018 do programa.

O problema de pesquisa é identificar quais as características de uma produção midiática audiovisual educacional na TV aberta e a hipótese defendida é que a proposta da produção do projeto *Diz Aí* se caracteriza como um exemplo da prática da Educomunicação nas produções midiáticas por promover o diálogo e a participação de jovens em um processo de contraposição e contradição de ideias, os colocando como protagonistas, sendo esse um dos princípios da Educomunicação. O que justifica esta pesquisa é a importância da responsabilidade social dos grandes grupos de mídia na criação intencional de produções audiovisuais que estimulem a reflexão sobre a realidade e o protagonismo dos jovens, com o intuito de provocar transformações na sociedade.

Com a finalidade de identificar pesquisas que abordassem o tema Produção Midiática Educacional, foi realizada uma revisão de literatura não sistemática em janeiro de 2021, no portal de periódicos CAPES e no site Google Acadêmico. Buscamos artigos com a palavra-chave *Educomunicação e Produções Midiáticas*, separadamente e em conjunto, somente em português. Foram encontrados poucos artigos sobre esse tipo de intervenção e nenhum tratava da análise do discurso das produções, grande parte dos artigos se referiam às práticas de intervenção realizadas em escolas ou organizações não governamentais, ligados a outros tipos de intervenção educacional, por isso esses artigos não foram incorporados neste trabalho.

Nesse caminho, identificamos uma lacuna de pesquisas nessa área de intervenção, também pelo fato de que nos cinco livros publicados pela Editora Paulinas, entre os anos de 2011 e 2014, e que são referência nas pesquisas sobre Educomunicação, duas áreas de intervenção não foram contempladas em nenhum dos cinco volumes: Expressão Comunicativa pelas Artes e Produção Midiática. Na pesquisa de Doutorado, realizada por Pinheiro (2013) e intitulada “A educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo”, e de Mestrado, realizada por Camy (2020), intitulada, “Vinte Anos de Educomunicação no

Centro-Oeste: Construção do Campo a partir das Produções Científicas”, as pesquisas na área de intervenção Produção Midiática, compreende 3%, na pesquisa de 2013 e 12,8% na pesquisa de 2020 em relação às pesquisas nas demais áreas da Educomunicação. A partir desta constatação entendemos que essa pesquisa também contribuirá com a epistemologia da Educomunicação, uma vez que analisa uma área de intervenção pouco explorada.

Utilizamos uma metodologia de pesquisa que parte de uma abordagem qualitativa e teórica, com objetivo exploratório, por entendermos que as práticas educacionais não são extensamente conhecidas no âmbito geral e especificamente na produção midiática, a partir da bibliografia sobre o tema, constituído principalmente de livros e artigos científicos e das informações do projeto que constam no site do Canal Futura (GIL, 2002). A base teórica interdisciplinar que sustenta este trabalho são os estudos sobre Educação – de Freire (2020) –, Comunicação – de Kaplún (1998), Barbeiro (2014) e Calazans e Braga (2001) –, Educomunicação – de Soares (2000, 2014), Citelli (2011) e Almeida (2016) –, dentre outros.

A partir do estudo e leitura da proposta da produção do programa *Diz Aí*, que consta no site do Canal Futura, e da observação dos cinco episódios disponíveis no site Canais Globo, analisaremos os elementos do discurso dos programas, a linguagem, os enunciados, as relações de sentido, as características para identificar as relações com o discurso dos referenciais teóricos da Educomunicação, de modo a verificar se ele pode ser considerado um programa educacional promovendo um discurso construtivista, dialógico, participativo e dialético. A Análise do Discurso trabalha a forma que o sujeito é impactado pelo discurso e o sentido produzido por ele por meio da linguagem, história e sociedade, identificando o que é dito e não dito. A análise do discurso do *corpus* será feita a partir das referências teóricas citadas acima e das reflexões sobre discurso de José Luiz Fiorin, Eni Orlandi dentre outros.

No primeiro capítulo, com o objetivo de mapear as bases teóricas do conceito, suas aplicações e sua evolução, vamos apresentar as bases que influenciaram a Educomunicação, a partir da interface Comunicação e Educação, e falaremos da evolução do conceito desde a sua criação até os dias atuais. Abordaremos também

o papel do educador e as suas práticas a partir das áreas de intervenção da Educomunicação. Finalizaremos o capítulo explorando o que se entende por intervenção em Educomunicação e o tipo de intervenção por meio da Produção Midiática.

No capítulo 2 com o objetivo de caracterizar como as produções midiáticas podem contribuir para criar espaços dialógicos e colaborativos, vamos explorar o papel social da mídia televisiva na educação não formal e a comunicação dialógica. Vamos tratar também sobre a fundação do Canal Futura, sua importância como canal para a educação, e apresentar detalhes do *corpus* da pesquisa, o Projeto *Diz Aí*, como, por exemplo, o histórico do programa, início, número de edições, temas abordados e também os episódios da edição de 2018.

No capítulo 3, com o objetivo de discutir como as práticas da educomunicação são identificadas no programa *Diz Aí* a partir da análise do discurso dos episódios da temporada 2018, faremos um recorte para entender seus enunciados, os recursos de linguagem verbal utilizados, seus efeitos de sentido no programa, como a narrativa é construída, qual o grupo social que é o sujeito do discurso, situações históricas que influenciam nesse contexto e seu alinhamento com a Educomunicação, como exemplo de intervenção midiática educacional, a partir dos referenciais teóricos pesquisados.

No último capítulo apresentaremos as considerações finais da pesquisa que pretende responder se há uma maneira de produzir mídia educacional audiovisual e como se caracteriza essa produção educacional.

## **1 EDUCOMUNICAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO INFLUENCIADO PELA EDUCAÇÃO POPULAR E A ATUAÇÃO DO EDUCOMUNICADOR**

Neste capítulo vamos apresentar as bases que influenciaram a Educomunicação a partir da interface Comunicação e Educação, e falaremos da evolução do conceito desde a sua criação até os dias atuais. Abordaremos também o papel do educador e as suas práticas a partir das áreas de intervenção da Educomunicação. Finalizaremos o capítulo explorando o que se entende por intervenção em Educomunicação e o tipo de intervenção por meio da Produção Midiática.

Para entendermos a Educomunicação é necessário explorar a interface interdisciplinar da Comunicação e da Educação, “na qual os campos trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum” (BRAGA e CALAZANS, 2001, p. 56). Para Braga e Calazans (2001), devemos observar os diferentes ângulos de interface já que o mais comum é a interação da Comunicação e da Educação com intenção de educar, comunicação para a aprendizagem, mas é importante refletir a partir da Comunicação, ou seja, um olhar para a educação a partir da Comunicação. A Educomunicação tem essa proposta, pois é um campo que nasceu motivado por um quadro histórico específico, uma reação ao autoritarismo que marcou as ditaduras latino-americanas dos anos 1960, segundo Soares (2014). Nesse contexto de repressão, professores, jornalistas, artistas e intelectuais, tiveram que desenvolver ações de comunicação e educação para fazer circular informações e conhecimentos censurados e proibidos. “Suas raízes, além de culturais, linguísticas e midiáticas, são essencialmente políticas” (SOARES, 2014, p. 141). Esses movimentos eram denominados ou se autodenominavam imprensa alternativa, escola libertadora, teatro do oprimido, músicas de protestos ou leitura crítica dos meios de comunicação.

### **1.1 As bases teóricas da Educomunicação e sua consolidação**

Educação pressupõe ação e é um ato intencional que visa o desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, e usa métodos próprios para isso. Essa

ação só é possível por meio da comunicação, presente em todos os modos de formação do ser humano. Esse processo pode ser realizado de forma vertical na transferência de conteúdos, denominada por Paulo Freire (2020) como educação bancária, ou de forma dialógica em uma construção solidária e compartilhada, como diz Soares (2014).

Por outro lado, toda comunicação se constitui em uma ação educativa, enquanto troca e transmissão de sentidos ou produção simbólica. Célestin Freinet e Paulo Freire são reconhecidos como fundadores das perspectivas criativas da inter-relação Comunicação /Educação. O primeiro, defendendo o uso da comunicação, especialmente do jornal, como forma de expressão de crianças e adolescentes, e o segundo, apontando para o caráter essencialmente dialógico dos processos comunicacionais.

Freire defendia a importância dos processos dialógicos na educação. A Educação Popular, que trataremos mais adiante, era baseada na confiança, no respeito e no diálogo, onde educador e educando constroem coletivamente o conhecimento. O educador via a comunicação como um ato coletivo e pensava a educação para a autonomia e para a liberdade, por meio do diálogo, da conversa, do debate, abrindo-se espaço para a exposição de ideias e oportunidade de reflexão e conscientização. Esta interação entre as pessoas tem impacto social. O seu trabalho foi todo realizado com esse olhar a partir da comunicação dialógica e da reflexão sobre a prática latino-americana, e influenciou o desenvolvimento da Educomunicação, segundo Soares (2011).

Na América Latina, educadores, intelectuais e comunicadores desenvolveram estudos sobre a interface Comunicação e Educação, a partir da prática com as comunidades locais. Esse é o caso do argentino Mario Kaplún, que vivia no Uruguai e que desenvolveu, na década de 1970, experiências envolvendo programas de rádio e TV, críticos e participativos, como o Cassete-Foro, que colocava em contato comunidades agrícolas da América Latina (ALMEIDA, 2021). Kaplún tinha uma postura progressista e abandonou a Argentina em 1951 por causa da perseguição do governo peronista. Anos mais tarde, ao transferir-se com a família para uma comunidade rural uruguaia, o distanciamento de veículos comprometidos com a cultura hegemônica e o contato diário com as desigualdades, injustiças sociais e

com os problemas do homem do campo, intensificaram suas indagações sobre o modo de produção capitalista e os mecanismos ideológicos que o sustentam.

No Cassete-Foro, programas de rádio eram produzidos pela organização popular, ou seja, grupos organizados, comunidade de bairro, associações, sindicatos e outros ligados à classe trabalhadora. O objetivo principal do projeto era contribuir para dar voz ao povo da América Latina. Segundo Mota Neto (2015), ao longo da execução do Cassete-Foro, o pesquisador constatou que, aliando a Comunicação Popular com a Educação Popular, proposta por Paulo Freire, seria possível produzir algo realmente capaz de contribuir para a formação política da comunidade, condição fundamental para se pensar em emancipação. Kaplún (1999) argumentava que a comunicação, no contexto educacional, não deve ser vista apenas como instrumento midiático e tecnológico, mas como componente pedagógico e interdisciplinar. Fazer uma leitura da Pedagogia a partir da Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia, com foco no processo de transformação da pessoa e da comunidade, faz parte do processo formativo da Comunicação Educativa, como afirma o autor:

¿Por qué empezar hablando de educación y no directamente de comunicación? ¿No es alargar el camino con un rodeo innecesario? En primer lugar, cuando hacemos comunicación educativa estamos siempre buscando, de una y otra manera, un resultado formativo. Decimos que producimos nuestros mensajes “para que los destinatarios tomen conciencia de su realidad”, o “para suscitar una reflexión”, o “para generar una discusión”. Concebimos, pues, los medios de comunicación que realizamos como instrumentos para una educación popular, como alimentadores de un proceso educativo transformador (KAPLUN, 1998, p. 17)<sup>1</sup>.

Experiências como supracitado, difundiram-se na América Latina como parte da estratégia de grupos de educadores interessados em promover a consciência crítica das audiências frente ao que, na época, denominava-se como invasão cultural dos produtos do Hemisfério Norte, e buscar um olhar contextualizado de

---

<sup>1</sup> Tradução da autora: “Por que começar a falar de educação e não diretamente de comunicação? Não é alongar o caminho com um desvio desnecessário? Em primeiro lugar, quando fazemos comunicação educativa estamos sempre procurando, de uma forma ou de outra, um resultado formativo. Dizemos que produzimos nossas mensagens “para que os destinatários tomem consciência de sua realidade”, ou “provocam reflexão”, ou “geram uma discussão”. Concebemos, então, os meios de comunicação que realizamos como instrumentos para a educação popular, como alimentadores de um processo educativo transformador.”

acordo com as raízes da América Latina. Freire (2020) dizia que a relação entre opressores e oprimidos é uma herança colonial, que é dominada pelo antidiálogo e que somente a educação horizontal, dialógica, questionadora, seria capaz de romper com essas amarras do colonialismo. Para Mota Neto (2015), trata-se de uma proposta decolonial, pois, ao invés de promover uma forma de educação que reproduz o que vem de fora, os valores das classes dominantes, a ideologia do capitalismo, a mentalidade colonial, procura-se construir uma educação a partir do povo, de sua cultura, de seus interesses, recusando a educação do colonizador. Quem praticava a Comunicação Educativa era chamado por Kaplún de Educomunicador. O termo Educomunicador aparece em destaque no livro *Una Pedagogía para la Comunicación de 1998*, onde o autor descreve a sua prática. Para Kaplún, “o objetivo da comunicação educativa é mobilizar, questionar, gerar diálogo e participação, alimentar um processo de crescimento e tomada de consciência” (KAPLÚN, 1998, p. 88).

O conceito de Educomunicação e o papel do educador foi sendo construído ao longo dessas décadas e ressignificado com a colaboração das pesquisas do professor da Universidade de São Paulo/USP, o brasileiro Ismar de Oliveira Soares, e outros pesquisadores que se dedicam ao tema. Segundo Soares (1999), o neologismo *Educommunication* foi utilizado pela Unesco na década de 1980, com foco na recepção midiática, para designar uma prática genericamente definida na Europa como *Media Education*, que tinha a finalidade de educar para a recepção crítica dos meios de comunicação. Com esse mesmo sentido é utilizado nos Estados Unidos a expressão *Media Literacy*, com a intenção de promover técnicas de alfabetização para a Mídia e o desenvolvimento do espírito crítico. Na América Latina, a nova palavra foi ressignificada e ganhou um sentido mais abrangente, principalmente político e ideológico, como explica Almeida:

A educomunicação é oriunda do movimento denominado media education ou mídia-educação, que se iniciou e disseminou na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros locais, até chegar à América Latina. Aqui, em função de especificidades únicas, de sua natureza política revolucionária libertadora, que a distingue da mídia educação, foi batizada de educomunicação (ALMEIDA, 2021, p. 8).

A especificidade a que Almeida se refere chamou a atenção de pesquisadores que tentaram entender o campo que estava nascendo. No Brasil, as pesquisas nessa nova área se concentraram inicialmente na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (USP), na década de 1980, onde, em 1996, foi fundado o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE). O núcleo era presidido pelo professor Ismar de Oliveira Soares e tinha o papel de entender a interface entre a Educação e a Comunicação e incentivar o diálogo entre a população e a universidade, com o objetivo de criar iniciativas para incentivar a prática da cidadania. Para Soares (2011), a educação só é possível enquanto *ação comunicativa*, tendo em vista que a comunicação por si só está presente em todos os modos de formação do ser humano e a comunicação é uma *ação educativa*, enquanto produção simbólica e transmissão de sentidos.

O professor Ismar Soares atuava na Comunicação Popular e havia sido presidente da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), que promovia discussões sobre Educação e Comunicação por meio de projetos que tinham a preocupação da leitura crítica da mídia (LCC), influenciados pela Teologia da Libertação. A participação neste projeto, deu oportunidade para Soares viajar pela América Latina, o que propiciou um olhar único para o que estava acontecendo na região. Soares percebeu que havia muitos projetos com metodologias e processos muito semelhantes entre eles; ele viu na prática o que Paulo Freire descrevia em seus estudos: era a sociedade construindo processos de comunicação que permitiam às pessoas avançarem em seus projetos, a partir de uma educação popular e por meio do diálogo.

A partir dessas experiências, em 1997, já no NCE, Soares iniciou o projeto de uma pesquisa tendo como objeto a interface entre Educação e Comunicação. Inicialmente rejeitado pela Capes, a pesquisa foi realizada com verba aprovada pela FAPESP e foi fundamental para a definição da existência de um novo campo de intervenção, que viria a se chamar Educomunicação. Participaram 176 especialistas de 12 países da América Latina, “que identificaram a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil, que tomava a Comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social” (SOARES, 2014, p. 11). Com o resultado da pesquisa, que foi publicada pela primeira vez em 1999, na *Revista*

*Contato*, em Brasília, Distrito Federal, Soares pode defender que a Educomunicação tinha um sentido mais amplo.

Como consequência, defendemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa...A essa precondição e a esse esforço multidisciplinar denominamos educomunicação (SOARES, 2014, p. 17).

Após a divulgação da pesquisa, Soares publicou um artigo<sup>2</sup> no qual postulava o reconhecimento e o preparo de um novo profissional para a área da Comunicação Social, então chamado por ele de *Gestor de Comunicação Educativa*. Em sua defesa da Educomunicação, Soares promoveu uma ampliação do sentido com que o termo vinha sendo utilizado desde seu surgimento. Enquanto Kaplún visava um processo emancipatório com o desenvolvimento da habilidade de se fazer uma leitura crítica dos meios a partir da realidade, o comunicador brasileiro propunha o reconhecimento de um campo mais amplo, constituído por um conjunto de ações. A Educomunicação está focada no processo de comunicação, não no uso das mídias, no conteúdo da mensagem, nos recursos utilizados ou efeitos pretendidos. Segundo Soares (2011, p. 18), “Com relação às tecnologias, o que importa não é a ferramenta disponibilizada, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos”.

Segundo Soares (2014), a Educomunicação parte, portanto, de dois axiomas. O primeiro diz que o processo educativo só acontece se houver ação comunicativa, e o segundo é quase o inverso disto, pois afirma que toda ação comunicativa é, em si, uma ação educativa. Assim, comunicação e educação têm uma relação interdependente. A Comunicação deixa de ser instrumental, isto é, não é utilizada apenas como meio do processo de aprendizagem, mas sim como parte dele, integrada a ele. Para Citelli (2011), a Educomunicação é uma área que busca pensar, pesquisar e trabalhar a educação formal, informal e não formal no interior do ecossistema comunicativo tentando entender, dentre outras coisas, a complexidade das relações entre as pessoas e a tecnologia e os seus efeitos na sociedade.

---

<sup>2</sup> “Educomunicação: um campo de mediações.” Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

A Educomunicação traz consigo uma dimensão complexa e que talvez não mais se explique apenas apontando determinados nexos ou interfaces que imantam comunicação e educação. Trata-se de reconhecer, agora, a existência de um campo inter e transdisciplinar, cujos lineamentos deixam de ser dados, apenas, pelos apelos, certamente necessários, de se introduzirem os meios e as novas tecnologias na escola, e se expandem, sobretudo, para um ecossistema comunicativo que passou a ter papel decisivo na vida de todos nós, propondo valores, ajudando a constituir modos de ver, perceber, sentir, conhecer, reorientando práticas, configurando padrões de sociabilidade (CITELLI; COSTA, 2011, p. 8).

Para Soares (2011, p. 37), “A Educomunicação, enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas, não emerge espontaneamente num dado ambiente, precisa ser construída intencionalmente”. Martín-Barbero (2000) adverte que ao pensar na introdução da Comunicação nos processos educacionais da sociedade moderna, é essencial enxergar o ambiente onde se dão as relações socioculturais e onde os atores sociais são múltiplos, ou seja, o ecossistema comunicativo que constitui o entorno do espaço educacional. No dicionário, o vocábulo “ecossistema” é definido como o conjunto dos relacionamentos mútuos entre determinado meio ambiente e a flora, a fauna e os microrganismos que nele habitam. Segundo Martín-Barbero (1998), aplicado à comunicação, o conceito de ecossistema refere-se aos processos que fazem com que os elementos de uma comunidade, ou de diversas comunidades, interajam entre si, compondo o que podemos chamar de ecossistemas comunicativos que se interfluem. Dessa maneira, o ecossistema comunicativo se instaura no meio social e é tão vital, quanto o próprio ecossistema ambiental. Esse fenômeno pode ser percebido na Educação formal, como Martín-Barbero comenta abaixo:

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 126).

A Educomunicação tem como desafio ajudar na interpretação desse novo mundo em que vivemos, nesse movimento, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) foi responsável por capacitar alunos e professores em Educomunicação e difundir o conceito para outras áreas de conhecimento; desenvolveu projetos para a Prefeitura de SP, como o Mais Educação, em 2008. O projeto Educomunicação pelas ondas do rádio (Educom.rádio), realizado em São Paulo, pela Secretaria de

Educação do município, contou com a participação de integrantes do NCE e previa a capacitação, em quatro anos, de aproximadamente nove mil docentes e membros das comunidades escolares de suas 455 escolas de nível fundamental, para o uso do rádio e de outros meios de informação nas atividades escolares.

Em 1998, ocorreu em São Paulo o 1º Congresso Internacional de Comunicação e Educação, promovido pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com a participação de vários estudiosos da área, da Europa e América Latina. Reuniram-se 250 especialistas de 30 países para conversar com 1.500 pessoas — muitas delas professores da rede pública — do Brasil e de todo o mundo, interessadas no tema *Educação Midiática*.

A Educomunicação foi reconhecida como área de conhecimento em 1999 e, em 2011, a Universidade de São Paulo (USP) passou a oferecer o curso de licenciatura em Educomunicação, com pedagogia específica para a formação desse profissional, que será um gestor de processos de comunicação no âmbito da Educação e deve conhecer muito bem Educação, Comunicação, suas linguagens e tecnologias. Houve também a criação de dois cursos superiores: em 2010, Bacharelado em Comunicação Social com ênfase em Educomunicação, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PB), e em 2011, o de Licenciatura em Educomunicação (ECA/USP). Em 2012 foi criada a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação – ABPEducom, que é referência nas pesquisas em Educomunicação no Brasil e concentra a grande maioria das dissertações e teses sobre o tema.

A ABPEducom reconhece na Educomunicação um campo interdisciplinar que promove diálogos, principalmente, entre a Comunicação e a Educação, possibilitando oportunidades de reflexões e ações que visem à ampliação da capacidade de expressão de todos os envolvidos no processo, bem como garante a melhoria do coeficiente comunicativo das ações comunicativas, convertendo-as em práticas de diálogo social a serviço da cidadania, tendo as mídias como suporte dessa reflexão. A promoção do protagonismo comunicativo dos sujeitos que, durante o processo, são sujeitos ativos (educando e educador), independe de idade, gênero,

nível econômico ou social, e os envolve em uma prática educativa participativa e criativa<sup>3</sup>.

Em 22 de julho de 2021, a Academia Brasileira de Letras publicou a definição de Educomunicação na sessão “Novas Palavras”:

1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.

2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.

Ao tratarmos da interface Comunicação/Educação, não se deve pensar a Comunicação apenas por um aspecto genuinamente instrumental. A Educomunicação faz a interface entre as duas áreas, une as duas pontas das relações humanas na sociedade, na família, na escola, na empresa, e na mídia, criando em sua prática dialógica, espaço para expressão e gestão compartilhada de recursos da informação. Seu foco está no processo e seu campo volta-se a todos os espaços educativos, sejam eles as salas de aula ou as salas das casas, as praças e centros comunitários. Nesse contexto, comunicadores e educadores precisam colaborar uns com os outros com práticas interdisciplinares em intervenções que gerem possibilidades de construção do conhecimento e transformação social.

## **1.2 A educação popular na América Latina e sua influência na Educomunicação**

A Educação Popular influenciou as teorias e práticas da Educomunicação na América Latina, como já dissemos anteriormente, daí a necessidade de abordarmos nessa pesquisa o que se entende por Educação Popular Libertadora, movimento

---

<sup>3</sup> Informação retirada do site da ABPEducom. Disponível em: <http://www.abpeducom.org.br/educom/conceito>. Acesso em: 20 abr. 2022.

político, pedagógico e investigativo que se articula a partir das produções de Paulo Freire, referencial teórico deste trabalho, dentre outros. Segundo Brandão (2009), na década de 1960, em Angicos (Rio Grande do Norte), Paulo Freire e uma equipe de educadores de Pernambuco iniciaram uma experiência de alfabetização inovadora, com fundamentos de teoria e prática que, anos mais tarde, veio a se chamar Educação Popular. O processo não tinha a intenção de somente ensinar as pessoas a lerem e a escrever, mas principalmente aprender a ler o próprio mundo através de sua própria cultura.

O termo Educação Popular já foi utilizado para designar a educação que os jesuítas deram às crianças indígenas durante o Brasil colonial ou ao ensino profissionalizante voltado para a capacitação da força de trabalho industrial, na primeira metade do século XX. Entre os anos 40 e 70, o combate ao analfabetismo foi objeto de inúmeros projetos apoiados pelos intelectuais da época.

Mota Neto (2015) identifica na Educação Popular um movimento, enquanto prática, experiência e processo de luta, e um paradigma, enquanto discurso, teoria e ideologia. A educação libertadora teria o compromisso de instaurar o diálogo como estratégia emancipatória, capaz de romper o esquema vertical da educação bancária. Para Freire (2021), por meio do diálogo e da ação-reflexão nele implicada, seriam rompidas tanto a *cultura do silêncio* imposta a alguns, quanto a reprodução da *palavra oca*, por outros (grifos do autor).

**Quadro 1 – Fases da Educação Popular no Brasil**

Fases da Educação Popular no Brasil					
1º momento	2º momento	3º momento	4º momento	5º momento	Atual
Surge a partir de iniciativas de grupos de igreja em fazer uma educação dirigida às pessoas do povo, da cidade e do campo. Eram iniciativas de alguns colégios católicos, salas de aula abertas gratuitamente às pessoas pobres, em locais ou em horários em que não estivessem presentes os filhos dos ricos	Após a independência e com a chegada de imigrantes europeus, principalmente italianos e espanhóis. Foram criados projetos de educação com pequenas escolas de trabalhadores para os operários e seus imigrantes italianos em São Paulo. Tinha forte marca ideológica de um saber de classe.	A partir dos anos 1920, surgiram movimentos dirigidos à democratização do ensino e da cultura laica: "É o momento da luta pela escola pública no Brasil e pela quebra da hegemonia confessional católica na educação" (Brandão, 2014, p. 115).	Experiência de cultura popular nos anos 1960. Esse movimento teve Paulo Freire como uma das principais lideranças. A principal bandeira era: a ideia de um país que valorizasse sua cultura nacional, contrapondo-se à cultura colonialista, representada sobretudo pelos Estados Unidos, e sustentando que as diferenças de culturas existentes no país eram diferenças de saberes e não desigualdades	Resultou dos movimentos de caráter popular, agrupados em torno das questões dos negros, mulheres, meninos e meninas de rua, entre outras. Eram espaços informais em que os sujeitos se educavam por meio das práticas sociais. Era uma experiência alternativa. Período da ditadura no Brasil.	Os programas de Educação Popular são bancados por secretarias de educação, não é mais um movimento popular. Após a redemocratização do país, governos e administradores populares começaram a desenvolver seus programas de educação na rede pública, da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, educação de Jovens e de Adultos, programas de alfabetização.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de BRANDÃO (2014, p. 115).

A Educação Popular proposta por Paulo Freire, fala de uma educação voltada para a libertação do homem. Para Freire (2021), a educação não deve ser um processo que imponha a ideologia de um grupo, mas sim um processo de construção do conhecimento. As bases estão nos princípios da liberdade, da igualdade e da solidariedade. Para Brandão (2009), pela primeira vez surge a proposta de uma educação a partir do saber popular que busca ser instrumento de um novo olhar de classe que não é a hegemônica, que não é popular apenas porque se dirige a operários e camponeses excluídos. Mota Neto (2015) explica que o contexto deve ser levado em consideração quando falamos de Educação Popular, pois as relações da sociedade com a Educação e o Estado, em cada momento histórico, são determinantes, e assim foi com a Educação Popular, que nasceu dos movimentos populares no Brasil.

A origem da educação popular libertadora no Brasil, diferentemente das concepções anteriores, não está no Estado ou em uma academia isolada, mas nos movimentos populares da segunda metade do século XX, que congregavam um conjunto amplo de atores sociais, como trabalhadores, artistas, intelectuais, políticos de esquerda e religiosos progressistas. Do seio desses movimentos populares, que produziam, ao mesmo tempo, cultura popular e resistência ao elitismo e à desigualdade, é que nascem as primeiras experiências de educação popular no Brasil. Daí a insistência em uma leitura política da realidade e uma rejeição a pedagogias verticalizadas e opressoras (MOTA NETO, 2015, p. 121).

A Educação Popular surge como uma resposta às demandas populares de educação, que eram excluídas pelo sistema educacional dominante. Sua principal característica é a aproximação entre educador e educando, de forma a superar as diferenças sociais e permitir que todos tenham acesso à educação. A Educação Popular também se preocupa em formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, além de ser uma ferramenta de transformação social por meio de uma metodologia que tem como princípio a libertação do homem, para isso, o educador deve ser um mediador, que auxilia o indivíduo a construir seu conhecimento a partir da sua realidade em um processo pedagógico que tem como objetivo principal transformar a sociedade marcada pelas diferenças de classes sociais, raciais e de gênero.

Paulo Freire iniciou os seus trabalhos de alfabetização de adultos no Departamento de Educação e Cultura do SESI, por volta dos anos 1940, e posteriormente no Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife, participou do Movimento de Cultura Popular, já nos anos 60, experimentando o chamado “Método Paulo Freire”, cujos resultados notórios renderam o convite para coordenar, em 1963, o Programa Nacional de Alfabetização de Jovens e Adultos, interrompido pelo golpe militar de 1964. Freire é considerado um dos mais importantes educadores do século XX. Sua principal contribuição foi a elaboração do conceito de Educação Popular, que visa levar a educação para além das salas de aula, chegando às camadas mais populares da sociedade e não deve ser uma ferramenta de opressão, mas sim um instrumento de libertação social. Suas ideias influenciaram profundamente o movimento pedagógico no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação Popular foi decisiva para o desenvolvimento de uma pedagogia crítica, focada na libertação do indivíduo.

Para Freire (2021), a educação é um instrumento de transformação social, uma forma de intervenção no mundo que pode representar a reprodução das ideologias dominantes como levar as pessoas a questionarem o status quo e buscarem construir uma sociedade mais justa e igualitária. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2021), afirma que a educação é um ato político independente de quem a prática, "A qualidade de ser política é inerente à sua

natureza. É impossível a neutralidade na educação [...]. A educação não vira política por causa deste ou daquele educador. Ela é política” (2021, p. 108).

A Educação Popular é vista como fonte de produção do conhecimento altamente carregada de intencionalidade, é um projeto educativo de formação humana, não sendo somente uma transmissão de saberes, mas um ato político, criando-se assim um vínculo entre educação e política, educação e luta de classes, na busca por uma formação do sujeito em suas múltiplas potencialidades, um sujeito integral. O Método Paulo Freire é centrado na ideia de que o processo de educação deve ser uma experiência transformadora.

Nesse método, o educador tem um papel fundamental na promoção da libertação do aluno, ajudando-o a compreender as estruturas sociais que oprimem e impedem o seu pleno desenvolvimento. Além disso, o método enfatiza a importância da participação ativa dos alunos no processo educativo, permitindo-lhes tomar o controle das suas próprias vidas e destinos. Para Freire, os homens se identificam justamente pela sua capacidade de dizer a palavra, e por meio dela se relacionam. O Método Paulo Freire foi implementado com sucesso em diversos países latino-americanos durante as décadas de 1960 e 1970, e continua a inspirar educadores populares em todo o mundo.

Ao mesmo tempo que vinculou o sentido da comunicação à geração de uma linguagem capaz de nomear o próprio mundo, Freire colocou esse projeto no mundo [...] não só tematizou práticas e processos comunicativos desses países como também levou a América Latina a se comunicar consigo mesma e com o resto do mundo (MARTÍN-BARBERO, 2014, p.13).

Esse processo comunicativo voltado para o desenvolvimento de práticas que nascem olhando para a realidade das pessoas da América Latina, fazia parte do discurso de Paulo Freire, que defendia uma educação popular com responsabilidade social e política, respeitando a individualidade de cada um para o desenvolvimento do senso crítico. Para ele, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2020, p. 108). Se comunicar é um processo específico do homem e por meio do diálogo ele interage e se reconhece no mundo. O homem oprimido, não tem lugar de fala, a liberdade pressupõe o direito à expressão.

Freire entendia que a Educação tem o papel de tirar a sociedade do silêncio. Para o educador, o diálogo é fundamental nesse processo, pois a educação dialógica pauta-se em um outro conceito de comunicação, abandonando a ideia da emissão de mensagens no sentido unidirecional fonte-receptor e admitindo as relações multidirecionais como inauguradoras de processos comunicativos. Os envolvidos no processo adquirem status de co-enunciadores, pois os significados são construções coletivas e somente na co-enunciação é possível pensar numa relação dialógica. Para Freire, essa relação horizontal e coletiva, portanto dialógica é transformadora.

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não “sloganzar”. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade... O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 2021, p. 51).

Essa transformação e humanização por meio dos processos comunicativos se dá também pelo afeto. Freire sempre defendeu o afeto na relação entre as pessoas, quando elas afetam e são afetadas pelo outro, e o diálogo é peça fundamental para que isso ocorra desde que haja interesses em comum. Para Freire, quando não há interesses comuns entre os sujeitos, o que ocorre não é comunicação e sim comunicados, pois não é possível a construção do conhecimento se o entendimento não é o mesmo para todos. A transferência de saberes sem que haja diálogo no sentido de troca, é equivocada, pois, para Freire, “A educação é comunicação, é diálogo na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2021, p. 89).

Ainda segundo Freire (2021), a linguagem adotada na Educação precisa ser acessível para o educando, fazer parte da realidade dele, assim será significativa e aproximará os interlocutores; isso é essencial para que haja interação, ou seja, diálogo. Como explica o autor, “Ou o signo tem o mesmo significado para os sujeitos que se comunicam, ou a comunicação se torna inviável entre ambos por falta de compreensão indispensável” (FREIRE, 2021, p. 92). Todos sabemos alguma coisa que podemos compartilhar. A aprendizagem é um processo colaborativo em que o

aluno aprende com o professor e o professor aprende com o aluno, e o diálogo é fundamental nesse processo.

Para Freire (2021), a colaboração é uma das características que delineiam o perfil da teoria da ação dialógica, portanto, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração. Não há espaço para relação de dominação, mas sim para um encontro para pronúncia do mundo, em que os sujeitos visam a transformação. Freire reconhece que a colaboração é necessária em todos os níveis de função e responsabilidade, desde o porteiro, passando pela faxineira, a tia da merenda, os funcionários da secretaria, os professores, diretores, etc. – todos devem colaborar para que ocorra a comunicação dialógica.

O escritor valoriza a pergunta como convite para o diálogo. A verdade se encontra no diálogo, é uma busca, não um resultado, ela está em cada um. Ele reflete sobre a necessidade de se aprender a começar a perguntar, pois o ensino hoje é resposta, e não pergunta. A educação libertadora vem como um ponto de partida para esse exercício de aprender a perguntar, deve partir da situação presente, existencial e concreta e deve refletir as aspirações do povo, contendo seus anseios, dúvidas, esperanças e temores, que são os temas geradores daquele grupo e, assim, verificar o que se pretende dialogar. Para Freire, o diálogo permite a problematização do conhecimento que já existe e esse processo gera transformação.

O que se pretende com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 2021, p. 65).

Mário Kaplún (1998) converge com Paulo Freire em suas análises sobre o modelo de educação que privilegia a transmissão do conhecimento, via professor/comunicador/educando, ele diz que Paulo Freire é o maior crítico a este modelo, com a concepção de educação bancária, em que o educador deposita conhecimento no aprendiz, um mero receptáculo de informações. Assim é que se reproduz uma comunicação, vertical, paternalista e autoritária. Seguindo o modelo clássico – emissor-mensagem-receptor – em um processo de transmissão de

comunicação, tamanha verticalidade resulta em um monólogo, no qual quem sabe é quem emite, e quem ouve é quem não sabe e recebe as mensagens passivamente.

Nesse modelo, a comunicação é unidirecional. Kaplún (1998) questiona se a comunicação educativa está lançando afirmações ou colaborando para a criação de condições que levem os envolvidos a uma reflexão pessoal e sugere a reflexão de que tipo de mídia está sendo feita: uma mídia monológica ou dialógica. O autor ressalta que esse modelo está longe da educação e da comunicação libertadora. Essa comunicação é tão autoritária e fiscal quanto o modelo unidirecional tradicional.

A proposta dialógica presente tanto na Educação quanto na Comunicação, às vistas de Paulo Freire (2020), é uma relação, acima de tudo, de amor e de afeto. Um amor visto pelas lentes da solidariedade, da humildade, da fé, da confiança e da esperança. Para Freire, é necessário que se tenha amor ao mundo e aos homens para que sejam gerados atos de coragem e não de medo, atos que levem ao diálogo, à criticidade, à conscientização e à transformação.

O educador defende que o diálogo é o encontro dos homens em uma busca que não se faz no isolamento, mas na comunicação entre eles. Para tanto, é necessário o pensamento crítico, por parte dos sujeitos, para que eles entendam que não há dicotomia entre mundo-homem, e sim uma relação solidária entre ambos. Como interface entre a Comunicação e a Educação, a Educomunicação surge nesse cenário como um campo teórico que demanda práticas preocupadas com o “eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos” (SOARES, 2011, p. 18). Para Soares (2011), essas relações formam ecossistemas comunicativos que são fortalecidos por meio das intervenções educacionais.

### **1.3 O educador e as áreas de intervenção da Educomunicação**

A Educomunicação quer intervir para ampliar a consciência e a participação crítica dos sujeitos nos ecossistemas, buscando formas de estabelecer uma comunicação dialógica junto aos(às) educandos(as) e à sociedade, promovendo a formação cidadã, crítica e consciente. O trabalho do educador é planejar, aplicar e avaliar ações, no âmbito das áreas de intervenção. Esta comunicação a que Soares se refere não é somente aquela realizada por meio de tecnologias ou

empresas de comunicação, mas, também aquela que se dá diretamente entre seres humanos. Daí surge o educador, um comunicador/educador popular preocupado em ir além da produção de conteúdo e da habilidade com as tecnologias, mas em trazer a comunicação para próximo das discussões sociais, problematizando as injustiças do mundo e auxiliando num processo de educação emancipatória, tudo isso dentro de um ecossistema comunicativo.

Como já dissemos, Mário Kaplún, foi um dos nomes mais importantes para a disseminação da Comunicação Popular, considerado como um de seus precursores e também reconhecido como criador do neologismo *Educomunicador*. O termo foi usado por ele em menção ao profissional ou voluntário em projetos de jornalismo/radialismo alternativos. Seu foco está na educação pelo processo e seu campo volta-se a todos os espaços educativos sejam eles as salas de aula ou as salas das casas, as praças e centros comunitários, ou simplesmente o espaço político (e não físico) das relações que se dão no tecido social.

O que diferencia o educador de outros agentes sociais é a ação intencional na comunicação para promover processos dialógicos na comunidade. Ele atua na construção e mediação do ecossistema comunicativo, sendo um profundo conhecedor das linguagens da comunicação e da intencionalidade educativa dos meios. O educador pode atuar em diversas áreas, sempre na interface da Educação e da Comunicação, em espaços formais ou informais como escolas, ONGs, hospitais, empresas privadas, etc.. Segundo Soares, ele é um profissional focado na prática humanista, na construção do diálogo, na escuta ativa que dialoga com os dois campos.

A atuação deste profissional pressupõe uma autonomia conceitual para o campo da Educomunicação, ou seja, isenta de uma concepção epistemológica sustentada especificamente pelos parâmetros do campo educacional ou comunicacional. Fazer Educomunicação é dialogar com a Educação e suas articulações planejadas e metódicas, como também com a Comunicação e a consistência de padrões teóricos pelas quais ela é vista e revista (SOARES, 2014).

Nesse diálogo entre a Comunicação e a Educação, Almeida (2021) destaca que os educadores utilizam diversos recursos e práticas, em conjunto ou isolados, para atingir seus objetivos. Analisando essas práticas, surgiu o que se denomina áreas de intervenção da educomunicação. Elas orientam o planejamento

de ações em que se deseje: I) Estabelecer a comunicação cidadã, democrática e participativa; II) Educar para a adoção de boas práticas comunicativas; III) Construir conhecimento sobre a própria educomunicação; IV) Motivar para a aprendizagem; V) Utilizar a tecnologia ou VI) a arte nos processos educativos; VII) Produzir mídias educativas.

Os processos desenvolvidos por educadores junto às diversas comunidades são chamados de intervenções educacionais. Eles envolvem o diagnóstico da transformação desejada, o planejamento das ações a serem desenvolvidas, o dimensionamento dos recursos econômicos e humanos necessários, a aplicação e avaliação dos resultados obtidos (ALMEIDA, 2021, p. 2).

Os projetos de intervenção desenvolvidos pelo educador contemplam os princípios da Educomunicação, isto é, ser dialógico, participativo, construtivista e dialético. O objetivo das intervenções é provocar alguma transformação na comunidade. Nada é decidido sozinho, o educador é um mediador, é um especialista que desenvolve processos pedagógicos e projetos educativos interdisciplinares em ambientes formais ou informais de aprendizagem.

A intervenção social é a principal forma de atuação do educador. Esse trabalho pode ser realizado por meio de recursos e metodologias em sete áreas de atuação. Para que uma ação seja considerada educacional, deve estimular a participação de todos de forma horizontal e dialógica dessa forma. “As ações de intervenção educacionais pretendem instigar, nos seres humanos, sentimentos e aspirações capazes de impulsionar ações concretas na perspectiva democrática e cidadã”, diz Almeida (2021, p. 2).

Didaticamente, ao pensar em intervenção, convencionou-se a existência de dois polos: a equipe, que protagonizará a intervenção, e os participantes, que sofrerão a intervenção. Ressalta-se, contudo que as decisões sobre o que fazer não podem ser unilaterais, os processos devem ser participativos, dialógicos, envolvendo todos: os intervenientes e os participantes (ALMEIDA, 2016, p. 13).

Nesta perspectiva, para realizar intervenções nos espaços socioculturais, a Educomunicação possui sete áreas de atuação classificadas como: (I) Educação para a Comunicação; (II) Produção Midiática; (III) Expressão comunicativa através das artes; (IV) Mediação tecnológica na Educação; (V) Pedagogia da Comunicação;

(VI) Gestão da Comunicação; e (VII) Reflexão epistemológica da Educomunicação. O quadro abaixo apresenta as sete áreas sistematizadas até o momento, a partir das práticas dos educadores, com exemplo de ações que podem ser desenvolvidas na educação formal, informal e nas organizações do terceiro setor.

**Quadro 2** – Áreas sistematizadas e exemplos de ações a serem desenvolvidas

CAMPO FUNDANTE	Media studies	Educação	Artes	Comunicação Social	Educação	Educomunicação	Administração/ Comunicação Social
ÁREAS	Educação para a comunicação	Pedagogia da comunicação	Expressão pelas artes	Produção midiática	Mediação tecnológica na educação	Epistemologia da educação	Gestão da comunicação
FOCO PRINCIPAL	Capacitar os participantes para a prática da comunicação dialógica, usando - ou não - as tecnologias.	Usar recursos da comunicação para facilitar a construção de conhecimento.	Dialogar, usando as linguagens artísticas.	Produzir conteúdo midiático com intencionalidade educativa.	Inserir as tecnologias na educação.	Estudar a educação.	Implantar e otimizar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos
ATIVIDADES	Educação para a comunicação.	Educação pela comunicação.	Comunicação pela emoção.	Comunicação de valores e conceitos, usando produtos midiáticos.	Educação a distância, comunicação mediada por tecnologia.	Divulgação, pesquisa, estudo sobre a educação.	Diagnóstico, planejamento, implementação e avaliação de ecossistemas comunicativos
VALORES	Igualdade de acesso, relação dialógica horizontalizada entre todos os envolvidos, com tomadas de decisão participativa.						

Fonte: ALMEIDA (2016).

As intervenções podem ser elaboradas em ambientes educacionais formais ou não formais e ao promover o conhecimento crítico se retroalimenta dele. Soares (2011) complementa que a Educomunicação não é um campo exclusivamente voltado para as questões de ensino/aprendizagem. Sua atuação, enquanto intervenção, é abrangente e aplicável aos mais diversos ambientes de construção social. O foco das intervenções será sempre criar espaços que promovam a cidadania, que estimulem o diálogo, o acesso à informação, à liberdade de

expressão, protagonismo e conscientização de direitos. É comum nos projetos educacionais que mais de uma área de intervenção seja acionada para atingir os objetivos de ensino-aprendizagem. Soares ressalta que as intervenções têm a finalidade de promover práticas inovadoras e que os educadores têm um papel de mediação nesse processo coletivo e libertador.

Vale ressaltar que não se emprega em educação o conceito de intervenção no sentido de interdição, invasão, imposição ou interrupção, pelo contrário, o sentido é o da realização de atividades, da proposta de alternativas inovadoras, da mediação, da oferta de referências libertadoras, que usualmente, por diferentes motivos, não são vislumbradas pelos membros de uma comunidade (SOARES, 2011, p. 49).

Essas mediações são realizadas em conjunto com a comunidade e partem de um objetivo a ser atingido, portanto, as intervenções em Educação são sempre intencionais. Para exemplificar, trouxemos algumas situações-problema e objetivos a serem atingidos e qual o tipo de intervenção indicada, segundo Almeida (2022)<sup>4</sup>:

1º caso: O projeto “Memórias em Rede” amplia sua atuação na rede municipal de ensino de Santos, com parceria firmada entre o Instituto Devir Educom e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) da escola municipal José Bonifácio. Trata-se da formação no “Círculo Memórias em Rede”, que contempla, nesta primeira etapa, professores do Ensino Fundamental I e II da EJA em oficinas formativas na perspectiva da Educação. Objetivo: Levar os professores a entenderem o potencial, objetivos e processos de trabalho da educação.

**Área Epistemologia da Educação:** Construção de conhecimento sobre educação.

2º caso: A ONG Solarium identificou que poderia ampliar sua atuação social otimizando seus processos de comunicação interna e externa. Para tanto, solicitou auxílio da Empresa Júnior do Curso de Educação da universidade local para

---

<sup>4</sup> Atividade do curso Educação: Conceitos e Práticas, realizado de 28/04/2022 a 07/07/2022, ministrado pela Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educação – ABPEducom, com apoio do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo – NCE/USP, no 7º encontro – Áreas de Intervenção, com a professora Dra. Ligia Beatriz Carvalho de Almeida.

contribuir para a implantação desses ecossistemas educacionais. Objetivos: Levar os participantes a: i) Compreenderem como a comunicação pode ajudar as pessoas a construir conhecimento e a se entenderem; ii) Terem um olhar crítico para a mídia; iii) Identificarem suas necessidades de comunicação dialógica.

**Área Educação para a Comunicação:** Capacitar para a comunicação cidadã e horizontalizada, formar cidadãos alfabetizados, capazes de entender a mídia e se comunicar usando a ampla variedade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea. Objetivo 1 e 2.

**Área Gestão da Comunicação:** Planejamento e execução de planos, programas e projetos para implantação e manutenção de ecossistemas educacionais. Objetivo 3.

3º caso: Preocupada em desenvolver nos estudantes uma visão crítica sobre a cultura audiovisual e em alcançar o ODS 5, que tem como objetivo garantir o fim da discriminação contra mulheres e meninas em todos os lugares até 2030, a instituição passará a ofertar a disciplina optativa “Produção audiovisual”. Objetivos: i) Levar os estudantes a incorporarem uma visão crítica sobre a cultura audiovisual; ii) Levar os estudantes a construir conhecimento sobre o tema “Discriminação contra mulheres: causas e consequências”.

**Área Educação para a comunicação:** Capacitação para a comunicação cidadã e horizontalizada, formar cidadãos alfabetizados, capazes de entender a mídia e se comunicar usando a ampla variedade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea. Objetivo 1.

**Área Pedagogia da Comunicação:** Utilização de recursos da comunicação dialógica para educar. Objetivo 2

4º caso: O município mantém em seu calendário anual a Semana do Meio Ambiente. Neste ano, foi firmada uma parceria com a ONG Educom e os educadores produziram uma série de comerciais que irão compor a ação no município. Objetivo: Produzir vídeos e spots para rádio sobre processos de tratamento do lixo no município.

**Área Produção Midiática:** Produção de recursos educativos, ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educacional.

5º caso: Uma escola de Ensino Médio montou um laboratório de informática conectado à internet de banda larga e, apesar de não ter tido formação sobre como utilizá-lo, resolveu inseri-lo no cotidiano escolar, em auxílio ao processo de ensino-aprendizagem. Para viabilizar o projeto, solicitou a contribuição da ABPEducom. Objetivo: Levar os participantes a incorporarem, educacionalmente, as tecnologias da informação e da comunicação na educação.

**Área Mediação Tecnológica para a Educação:** Apropriação da tecnologia nos processos de aprendizagem, incorporação das tecnologias da informação e da comunicação nos processos educativos, foco no educando e no processo de aprendizagem e não no conteúdo, nem na tecnologia.

6º caso: O Instituto Steinkopf apresentou o espetáculo musical *Uma Sinfonia Diferente*, estrelado por pessoas com autismo e planejado para promover seu protagonismo. Ana Carolina Steinkopf relata: “Foi um enorme desafio. Pessoas com autismo têm dificuldade de socialização; e, com a musicoterapia, conseguimos desenvolver diversas habilidades.”

Objetivo: Promover a integração social de pessoas com autismo.

**Área Expressão por meio da arte:** Viabilização de diálogo com o auxílio das linguagens artísticas.

7º caso: As metodologias ativas colocam o aluno em movimento, visando o seu engajamento. Os estudantes atuam como agentes transformadores, utilizando a aprendizagem em pares, por projetos, gamificação, entre outros. Eles pesquisam sobre os conceitos e desenvolvem um projeto para solucionar um problema, como saúde, desigualdade ou sustentabilidade. O resultado é o desenvolvimento de uma série de habilidades de comunicação, colaboração, pensamento crítico, criatividade, empreendedorismo e inovação. Objetivo: Levar os estudantes a construir conhecimento sobre conteúdos curriculares.

**Área Pedagogia da Comunicação:** adquirir habilidades de comunicação como forma de engajar os alunos para aprender os conteúdos curriculares.

Segundo Almeida (2021), o desafio dos educadores é fazer o diagnóstico das necessidades a partir da observação, planejamento de ações, capacitação dos envolvidos, implantação de ambiente propício para a gestão horizontalizada, coletivamente definir os canais de comunicação, elaboração de procedimentos, normas e etiquetas de condutas com os envolvidos, seleção de linguagem adequada, definição de formas e critérios de avaliação e acompanhamento de ações. A Educomunicação é um modelo em constante construção e, por isso, novos campos de atuação podem surgir a partir das reflexões e atuações dos profissionais em diversas áreas.

#### **1.4 Produção midiática – uma modalidade de intervenção educacional**

Na Sociedade da Comunicação e da Informação e na Era das Novas Tecnologias, jornais, revistas, programas televisivos, radiofônicos e digitais se tornaram fonte de conhecimento ao proporcionar o aprendizado em vários segmentos e auxiliar no desenvolvimento do senso crítico e na formação de cidadãos atualizados, conscientes e com visão participativa na sociedade. A produção de conteúdo mediada por profissionais conscientes da necessidade de contribuir para a formação cidadã dos educandos é o objetivo da produção midiática para a Educomunicação.

Almeida (2016) esclarece que a produção midiática, enquanto área de intervenção da Educomunicação, é constituída por uma produção de conteúdo com intencionalidade educativa, com princípios democráticos e valores como a cidadania, a solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontalizado. Soares (2014) complementa que ela propõe a renovação dos conteúdos e linguagens dos programas veiculados na grande mídia, como filme, novela, desenho animado, documentário, telejornal, artigo de jornal ou revista, *folder*, *fanzine*, peça publicitária, programa de rádio, livro, jogo eletrônico, internet etc. Almeida (2016) faz uma análise

sobre produção midiática e destaca alguns aspectos relevantes para compreensão desta área de intervenção:

- a) ação de mídia é o ato de veiculação de mensagens usando os meios de comunicação tradicionais ou alternativos, fato que autoriza também o envolvimento do educador no planejamento e implementação de ações de comunicação não necessariamente veiculadas em veículos de massa, mas em mídias alternativas, como por exemplo: internet, telefones celulares, rádios comunitárias, jornais de baixa circulação, fanzines, em shopping centers, banheiros, ou em meios de transporte como metrô, motocicleta, ônibus, bicicleta, etc., visando alcançar um grupo de pessoas.
- b) no sentido tecnológico, um programa de mídia pode se referir a um aplicativo ou a um software destinado à interação entre pessoas, desenvolvido em equipes multidisciplinares com a participação de um educador;
- c) mídia pode significar tanto um suporte físico para arquivo de dados (DVDs, blue-rays, cartões de memórias, pen drives), como a indústria cultural, que produz e veicula informações, ideias, mercadorias e oferece entretenimento. Portanto, um produto midiático não precisa, necessariamente, ter vínculos com a mídia de massa, podendo ser elaborado por produtoras independentes, ou especializadas em produtos educativos e divulgado em canais segmentados ou comercializado nos suportes citados (ALMEIDA, 2016, p. 15-16).

Segundo Ligia Almeida (2016), a produção midiática educacional é realizada por profissionais, não amadores, em equipes multidisciplinares ou individualmente. Esses devem ter o domínio do conteúdo que será ensinado, da pedagogia da comunicação que envolve a linguagem midiática escolhida e da técnica de produção. Os educadores que atuam com produção midiática, normalmente trabalham em organizações do segmento da educação formal ou não formal, em instituições ou meios de comunicação como o Canal Futura.

Nessa área não são consideradas produções amadoras, feitas por estudantes, professores ou outras pessoas. O que diferencia a Produção Midiática, Pedagogia para a Comunicação e a Educação para a Comunicação, é justamente o fato de que a primeira é feita por profissionais que utilizam as tecnologias de informação na produção de conteúdo com o intuito de ensinar um conceito ou valores, enquanto a segunda visa a aprendizagem usando os recursos da Comunicação em si, por exemplo, um vídeo usado na sala de aula, e a terceira, realiza a educação para a leitura crítica das mídias. Na produção midiática com fins educacionais, os produtos desenvolvidos são exibidos em meios midiáticos profissionais, como explica Almeida:

Assim, produção midiática educacional é a atividade realizada por sujeitos – individualmente ou em equipes multidisciplinares, que tenham o domínio pleno do conteúdo a ser ensinado, da pedagogia da comunicação que envolve a linguagem midiática escolhida e da técnica de produção. O resultado é o desenvolvimento de produtos comunicacionais marcados por intencionalidade educativa, a serem exibidos em emissoras de rádio, televisão, cinema, veículos impressos, web, circuitos fechados nas diferentes organizações e em ambientes educativos virtuais, entre outros (ALMEIDA, 2016, p. 16).

Nessas produções, o essencial é criar um espaço de diálogo, para que a palavra possa ser praticada com autonomia, procurando amplificar as vozes e os protagonistas. A comunicação/educação deve superar os obstáculos criados pelos mitos e temores da sociedade moderna, tanto relacionados à mídia quanto à tecnologia. A Educomunicação é mais do que um movimento, um comportamento, um projeto de intervenção social, é um campo de conhecimento que não pode ser compreendido fora da constituição da sociedade contemporânea, com todas as suas transformações estruturais e comportamentais que mudam a cada dia.

Para Consiani (2017), é necessário analisar a Produção Midiática para Educomunicação sob duas perspectivas – como processo, verificando se há uma maneira educacional de se produzir mídia levando em consideração se há um modo próprio que se diferencie de outras abordagens e, como produto, verificando se é possível definir a mídia que se produz como educacional, a partir da exploração das questões sociais mais agudas e seu posicionamento político em defesa das minorias e da tolerância como um valor a ser defendido no âmbito da Comunicação.

Neste capítulo, de acordo com o objetivo proposto, foi possível identificar as bases do conceito da Educomunicação e a diferença de sentido que há na América Latina, muito mais complexo do que simplesmente uma educação para os meios. O histórico político dessa região contribuiu para que o conceito fosse muito mais abrangente por aqui. Também foi abordado o papel do Educador por meio das intervenções sociais com finalidade de provocar transformação social a partir da prática do diálogo e protagonismo dos educandos. Finalizamos falando da Produção Midiática para a Educomunicação, foco deste trabalho.

## 2 A PRODUÇÃO MIDIÁTICA AUDIOVISUAL EDUCATIVA – O CANAL FUTURA

Neste capítulo, vamos explorar o papel social da mídia televisiva na educação não formal e sua contribuição para criar espaços dialógicos e colaborativos. Vamos tratar também sobre a fundação do Canal Futura, sua importância como canal para a educação, e apresentar detalhes do *corpus* da pesquisa, o Projeto *Diz Aí*, como por exemplo, o histórico do programa, início, número de edições, temas abordados nos episódios da edição de 2018.

Como vimos no Capítulo 1, os estudos de Paulo Freire sobre a dialogicidade têm grande influência sobre a prática pedagógica da Educomunicação. Suas concepções aparecem associadas ao contexto histórico da América Latina na década de 60 e 70 e influenciaram o pensamento de vários autores no mundo todo. Martín-Barbero (2014) cita Freire em seu livro *A Comunicação na Educação*, de 2014, por suas ideias referentes ao combate a uma alfabetização distante da cultura dos educandos. Martín-Barbero (2014) converge com Freire quando diz que a comunicação deve partir do lugar de quem fala, de seus interesses, de suas ações, preferências, de seu repertório de experiências. Em virtude do grande alcance das mídias audiovisuais e do interesse gerado por elas no público em geral, elas têm grande importância no processo educativo, como veremos a seguir.

### 2.1 A importância da produção midiática audiovisual na democratização do ecossistema educacional

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2019 para 2021 o número de lares com TV no Brasil subiu de 68,4 milhões para 69,6 milhões, e 91% desses aparelhos recebem os sinais de TV digital aberta, que fez sua estreia no Brasil há 15 anos. Ainda segundo a pesquisa, 96,3% das moradias urbanas e 90,8% das rurais têm televisão no país. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada no quarto trimestre de 2021, 44,4% dos domicílios do país estão usando televisores para se conectar à internet e assistir *streaming*, superando pela primeira vez os computadores, que caíram de 45,2% para 42,2%. Ambos, porém, perdem para os celulares, preferência em 99,5% dos lares.

**Quadro 3 – Domicílios brasileiros (%) com TV**

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Televisão	96,9%	97,2%	97,2%	97,1%	97,1%	97,2%	96,7%	96,4%	96,3%
Domicílios*	62.117	63.768	65.130	67.039	68.037	69.318	70.382	71.738	72.929

Fonte: IBGE/PNAD.

**Quadro 4 – Tipos de televisão nos domicílios brasileiros**

%	2016	2017	2018	2019
Sinal digital de TV Aberta	71,6	79,8	86,6	89,8
TV por Assinatura	33,7	32,9	31,8	30,4
Antena Parabólica	34,7	32,4	30,0	27,0

Fonte: IBGE/PNAD.

Pelas pesquisas podemos perceber que está havendo uma queda no percentual dos lares com televisão, porém não é muito significativa. O movimento de acessar a internet pela televisão, amplia o uso desse aparelho. Portanto, a televisão ainda é a mídia mais utilizada pela população brasileira para se entreter e se informar. Segundo Braga e Calazans (2003, p. 127), “falar a linguagem da TV é necessariamente falar a linguagem dominante do nosso tempo”. A TV, durante muito tempo, foi considerada simplesmente como um instrumento de manipulação.

Segundo Martín-Barbero, “ligada ao mundo do engano, a imagem foi, por um lado, assimilada como instrumento de manipulação, de persuasão religiosa ou política” (2014, p. 88). Essa leitura norteia projetos como o *Media Literacy*, com foco na educação para mídia, e o *Media Education*, com foco na interpretação das mensagens midiáticas, como já exposto no primeiro capítulo deste trabalho, mas por meio das produções midiáticas vindas da televisão também é possível ampliar o alcance da educação e democratizar a cultura, tornando-a acessível a todos.

As mídias não são apenas meios de entretenimento, mas também de informação e conhecimento, que são eixos para o desenvolvimento social, segundo Martín-Barbero (2014). A televisão tem um potencial que, se utilizado adequadamente, pode ser uma importante ferramenta educativa, o que evidencia que a TV, como instituição educativa informal, em muito contribui para a formação do indivíduo em sociedade com a sua capacidade de mobilizar e valorizar ideias. O

chamado terceiro setor, onde se enquadram as televisões educativas e o Canal Futura, desenvolvem projetos com propostas educomunicativas.

O desafio para os educadores é identificar como os meios de comunicação podem dialogar com os estudantes e despertar maior interesse e aproximação dos assuntos estudados. Sobre as transformações necessárias à escola, Freire (2021) acreditava que é importante compreender o poder, a força de um instrumento como a televisão e ver até que ponto a escola pode se servir disso e diz:

Ela se obriga a deixar de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador. E, para isso, ela não poderia jamais deixar de ter, como auxiliares extraordinários, todos os meios de comunicação (FREIRE, 2021, p. 50).

No livro *Educar com a Mídia* (2021), Paulo Freire relata uma situação que aconteceu em uma palestra na Austrália, em que ele se reuniu com um grupo de líderes estudantis e alguns professores da universidade. Eles conversaram sobre as experiências dele no Brasil, na América Latina em uma conversa ampla e fraterna. Essa conversa foi transmitida para 5 mil estudantes pelo circuito fechado da escola e motivou discussões nas salas de aula e ele cita essa história como um exemplo de como a televisão pode ser utilizada na educação. Ele teve essa experiência na década de 1970, quando esse tipo de interação não era uma realidade no Brasil. Na atualidade esse processo se tornou muito mais simples; com as tecnologias de comunicação cada vez mais avançadas as distâncias estão mais curtas o que facilita e muito esse processo.

Para Soares (1996), o público responde bem aos projetos de caráter educativo de alto nível técnico, por isso vale a pena investir em educação. Ele complementa que um ponto negativo é que as emissoras relegam as produções educativas a horários de fraca audiência, mas mesmo assim conclui que as TVs comerciais podem fazer muito para a melhoria do nível da educação no país. Para ele, a aproximação entre o sistema educativo formal e o mundo da comunicação, quer com a introdução da tecnologia da informação no ambiente escolar, quer com o uso dos meios massivos em projetos educativos adequadamente preparados, precisa deixar de ser a exceção para converter-se na regra e assim ampliar o que ele chama de *ecossistemas educomunicativos* uma ampliação do conceito de Ecossistema Comunicativo de Martín-Barbero.

O conceito de Ecossistema Comunicativo, idealizado por Martín-Barbero, inclui, além das tecnologias e meios de comunicação, o conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetram nossa vida de modo transversal. Soares (2011) atribui um novo sentido para o conceito alinhado à *práxis* (ação-reflexão-ação), para designar todo e qualquer espaço onde ocorra comunicação, um ambiente que promova o diálogo e a reflexão dos indivíduos, por meio de ferramentas da comunicação ou não, que ampliem as relações de comunicação entre as pessoas que compõem a comunidade educativa e a capacidade de expressão dos indivíduos. Para ele, esse é o espaço natural da Educomunicação.

Esta é a razão pela qual se afirma que o eixo das relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos converte-se no habitat natural da educomunicação. Sua função é de qualificar tais relações a partir do grau de interação que for capaz de produzir. Conceitos como democracia, dialogicidade, expressão comunicativa, gestão compartilhada dos recursos da informação fazem parte de seu vocabulário. Está presente onde práticas de comunicação se manifestam com consequências para a vida em sociedade: na família, na escola, na empresa, na própria mídia (SOARES, 2011, p. 18).

Portanto, para Soares (2011), qualquer espaço onde pessoas estejam refletindo sobre questões que tenham impacto para a sociedade por meio das práticas comunicativas, se constitui parte de um ecossistema educomunicativo. As empresas que buscam melhorar essa relação e responder as demandas por aplicações de práticas com responsabilidade social, podem contar com a mediação de educadores que atuam como consultores dessas práticas, “consultores que contribuem para melhorar processos de relacionamento tanto com seus públicos externos quanto com seus próprios funcionários, através de práticas educomunicativas” (SOARES, 2011, p. 62).

A Educomunicação é uma forma de articulação das pessoas com o mundo, transversal e interdisciplinar. O envolvimento entre as pessoas leva à prática comunicativa, à mobilização de uma causa e à aprendizagem para intervir e transformar. Nesse processo, pode contar com as várias formas de intervenção já mencionadas e, principalmente, com a Produção Midiática, objeto de análise desse trabalho, como as produções do canal educativo da Fundação Roberto Marinho, Canal Futura.

Segundo informações do site do Canal Futura, que completou 25 anos em 2022, o Futura é uma experiência pioneira de comunicação para transformação social que, desde 1997, opera a partir de um modelo de produção audiovisual educativa, participativa e inclusiva. É uma realização da Fundação Roberto Marinho e resultado da parceria estratégica entre organizações da iniciativa privada, unidas pelo compromisso de investir socialmente. O Futura é um canal de educação que ultrapassa as telas da TV. Atualmente, o conteúdo distribuído alcança sete milhões de *views* no TikTok, 22 milhões de visualizações no YouTube e 34 milhões de pessoas no Facebook. De acordo com pesquisa do Instituto DataFolha encomendada pelo canal em 2020, são mais de 1,4 milhão de professores e gestores escolares como público regular, além da parceria com uma rede de 83 universidades públicas, privadas e comunitárias de todo o país.

## **2.2 Canal Futura, criando espaços dialógicos na televisão**

A televisão no Brasil é um meio importante de socialização, principalmente porque tem uma grande capacidade de penetração em várias esferas sociais, além de alcançar regiões longínquas do país. Em sua programação transmite normas, valores e conceitos e compete com a família e a escola no papel de educar. Esse potencial pode ser utilizado de forma positiva quando pensamos no alcance que esse veículo tem.

Segundo Almeida (2021), a mídia no Brasil é considerada uma instância de educação informal e o jornalismo é exemplo de seleção de informação sobre fatos que contribuem na visão de mundo que formamos. Na mídia, a televisão ocupa hoje um lugar privilegiado no processo educacional, pois tem a capacidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Barbero (2000), corrobora com essa afirmação quando reconhece que hoje o saber é descentralizado, não é mais exclusividade da escola.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 51).

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 79,9% da população, de um total de quase 211 milhões de pessoas, têm acesso à internet fixa ou móvel. O índice de cidadãos conectados cresce a cada ano, mas ainda está distante de atingir o número de brasileiros com TV em casa, como vimos na primeira parte do capítulo. Os usuários de internet somam 169 milhões, enquanto o total de telespectadores — considerando a média oficial de três pessoas por domicílio — chega a 207 milhões. A TV alcança, sem dúvida, mais gente do que a web e sua influência contínua colossal. No estudo, 95% dos entrevistados afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente e 79% se informam pela TV. O IBOPE entrevistou mais de 18 mil pessoas, de diversas idades e classes sociais. Em média, os brasileiros passam 4h31min por dia em frente à TV, de segunda a sexta-feira e 4h14min nos finais de semana.

Se hoje a escola divide seu espaço de educadora com a televisão, é importante e necessário estimular a leitura crítica da mídia para que as pessoas possam compreender qual o contexto em que aquela produção se dá e tentar transformar a informação recebida em conhecimento crítico da sociedade. Segundo Almeida (2016), para grande maioria da população o mundo no qual vivemos é apresentado e traduzido pela TV, editados e redesenhados conforme os interesses dos grupos dominantes; esse mundo editado compõe a cultura na qual todos nós nos formamos. Nesse sentido, Almeida ressalta a importância da produção do conteúdo midiático com fins educacionais, que devem ser inclusivos e representativos.

Especial atenção deve ser concedida ao planejamento do produto midiático. Considerando que todas as pessoas produzem cultura, ele deve envolver o público-alvo, usar seu vocabulário e componentes do seu cotidiano, sendo feito a partir de uma perspectiva participativa e assegurando o uso de estratégias que promovam a interação e a livre expressão do público-alvo (ALMEIDA, 2016, p. 15).

O olhar para o coletivo é parte fundante da Educomunicação. Mario Kaplún, defendia um encontro transformador e dialógico entre comunicação e educação para provocar mudanças sociais com o objetivo de promover a cidadania. Ambas as áreas constroem juntas o discurso comunicado, baseado na interação entre audiência e comunicadores na produção de conteúdo, de acordo com o princípio da

dialogicidade, fundamentado na educação libertadora e transformadora influenciado pelas metodologias de Paulo Freire. Kaplún descreve o papel do comunicador e educador, como sendo um facilitador que deve estimular o pensar, o debate, o diálogo, a reflexão, promovendo a conscientização do aluno ou da audiência. Construir o conteúdo com sua audiência e colaboração de todos os envolvidos no processo em uma relação de co-autoria. Assim como Paulo Freire defendia, o processo deve ser participativo para que faça sentido para os envolvidos e gere transformação, como detalha Káplun:

Ya no consiste en transmitir sólo sus propias ideas. Su principal cometido es el de recoger las experiencias de los destinatarios, seleccionarlas, ordenarlas y organizarlas y, así estructuradas, devolvérselas, de tal modo que ellos puedan hacerlas conscientes, analizarlas y reflexionarlas. Cuando el mensaje es difundido, el sujeto colectivo puede reconocerse en él, identificarse con él, aun cuando no haya participado directamente en su producción; aunque sean otros actores y no él mismo lo que está sobre el escenario dando vida a la historia. Él es de alguna manera coautor del mensaje (KAPLÚN, 1998, p. 79).<sup>5</sup>

Com a proposta de unir a Comunicação e a Educação para transformar pessoas e a sociedade, com foco no protagonismo da juventude, o Canal Futura<sup>6</sup> foi criado em 1997 pela Fundação Roberto Marinho, instituição educativa privada do conglomerado de mídia Grupo Globo. O canal vem se destacando como referência de projeto de educação no Brasil. Sua grade de programação apresenta desde programas educativos e de formação profissional, estímulo ao empreendedorismo e formação integral de crianças, jovens e adultos, com o uso de uma linguagem audiovisual simples e clara. Atinge cerca de 20 milhões de telespectadores, sendo o primeiro canal privado brasileiro dedicado exclusivamente à educação. O modelo de atuação do canal está baseado no investimento social privado e é sustentado pela receita composta pelas contribuições de parceiros mantenedores e apoiadores de projetos especiais. Estes parceiros investem recursos financeiros anualmente para viabilizar a operação do Futura. São parceiros do Canal Futura: Grupo Globo,

---

<sup>5</sup> Tradução da autora: "Não se trata mais apenas de transmitir suas próprias ideias. Sua principal tarefa é coletar as experiências dos destinatários, selecioná-las, ordená-las e organizá-las e, assim, estruturadas, devolvê-las, de modo que possam conscientizá-las, analisá-las e refletir sobre elas. Quando a mensagem é difundida, o sujeito coletivo pode se reconhecer nela, identificar-se com ela, mesmo que não tenha participado diretamente de sua produção; embora sejam outros atores e não ele mesmo quem está no palco dando vida à história. Ele é de alguma forma co-autor da mensagem."

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.futura.org.br/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Sebrae, Fiesp, Sesi e Senai, Itaú Social e Fundação Bradesco (Fonte: Site do Canal Futura).

Após a Lei de Responsabilidade Social, de 2000, as questões ligadas à responsabilidade social se intensificaram no Brasil, fazendo com que as organizações se preocupassem em desenvolver ações na área. Nos últimos vinte anos, no Brasil, conceitos como responsabilidade social e investimento social privado se tornaram bem presentes na sociedade e que o Canal Futura oferece às grandes empresas brasileiras é a possibilidade de inverterem o capital em um grande projeto educativo e social. Segundo o site do canal, a programação é utilizada como ferramenta de ação educativa em escolas, creches, presídios, hospitais, centros de saúde, universidades, ONGs, sindicatos e associações, entre outros, que forma uma rede de audiência dirigida, por meio das ações de mobilização comunitária.

O canal conta ainda com o apoio da área de Educação e Implementação da Fundação Roberto Marinho. O Futura está presente nas principais operadoras de TV por assinatura no Brasil e ainda em uma rede de TVs universitárias parceiras, com sinal disponível em TV aberta e parabólicas digitais. Tem alcance de mais de 30,5 milhões de pessoas com 16 anos ou mais, e 6,7 milhões de crianças e adolescentes (números do site), acesso gratuito via Globoplay e Canais Globo para acompanhar o sinal ao vivo da programação e um catálogo audiovisual com mais de 120 títulos e 5 mil vídeos. Tem como missão transformar pessoas e sociedade por meio da aliança entre Educação e Comunicação.

Ainda segundo o site do canal, os resultados quantitativos e qualitativos da emissora são monitorados por meio de uma gama de indicadores de gestão e performance e presta contas aos seus investidores que, em contrapartida, participam de fóruns de governança em um Conselho Estratégico para acompanhamento do desempenho do Futura. Já no caso de parceiros apoiadores de projetos especiais, o formato de relacionamento fica circunscrito a uma ação específica ou de produção de conteúdo audiovisual, em que os parceiros contribuem com um aporte financeiro e participam de todas as etapas de desenvolvimento e implementação do projeto, sob a gestão direta das equipes do Futura. A Fundação Roberto Marinho é presidida por José Roberto Marinho e a Gerência do Laboratório

de Educação e do Canal Futura está a cargo de João Alegria.

### 2.3 O Projeto *Diz Aí*

De acordo com informações do site do Canal Futura<sup>7</sup>, o projeto *Diz Aí* é uma articulação entre o Futura, Universidades e Organizações da Sociedade Civil onde o audiovisual é uma ferramenta para a promoção de espaços democráticos de diálogos e trocas entre as juventudes. O projeto nasceu como preparação para a I Conferência de Políticas Públicas para a Juventude em (2008), mas depois acabou ficando fixo na grade do canal e sendo ampliada para trazer mais retratos e olhares juvenis das diferentes juventudes brasileiras e latino-americanas.

Como a maioria dos projetos do canal, o *Diz Aí* é produzido em parceria com o Itaú Social, tem como objetivo colaborar para a transformação social das juventudes através de oficinas dialógicas e de educação midiática, metodologia da educação popular, que valorizam a transversalidade de temas como direitos humanos, cidadania, educação, igualdade racial e de gênero. O resultado de todo esse processo formativo e de construção coletiva aparece na série *Diz Aí* que vai ao ar no Canal Futura e nos canais Globo.

As oficinas fazem uso da metodologia da educação popular e midiática, aliadas às práticas audiovisuais com as juventudes. De forma presencial ou online, os grupos também dialogam e refletem sobre questões de cidadania, identidades, juventudes e direitos humanos. Essas discussões mescladas com as práticas audiovisuais contribuem para produções audiovisuais realizadas pelos jovens durante as oficinas da série *Diz Aí*. Com programas de curta duração divididos em cinco episódios que apresenta o *making-off* das oficinas e depoimentos dos participantes, jovens de várias regiões do país que dão testemunhos sobre questões étnico raciais, de gênero, sexualidade, cultura, cidadania, meio ambiente, mercado de trabalho, geração de renda, acesso às novas tecnologias etc. A partir das oficinas os jovens escolhem alguns temas centrais que serão discutidos com mais profundidade nos demais episódios.

Segundo o site do canal, o projeto iniciou em 2008; são 13 edições que

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.futura.org.br/projetos/diz-ai/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

passaram por quatro países e 19 estados do Brasil. São 450 instituições mobilizadas (ONGs, coletivos, universidades, institutos, secretarias e órgãos governamentais) e 1.266 jovens (participantes das formações, fóruns, *webinars* e gravações do projeto). O número de episódios por temporada é variável, mas sempre há um *making-off* detalhando como o projeto foi realizado, com entrevista dos produtores do programa e dos participantes. A média de duração de cada episódio é de 10 minutos. Eles são exibidos durante a programação. A produção foi interrompida durante a pandemia do Covid-19, em 2019, porém os episódios continuam sendo exibidos durante a programação e estão disponíveis nos canais de *streaming*. Além disso, no site do canal, está disponível gratuitamente o Guia de Uso Pedagógico da edição do *Diz Aí Afro-Indígena* e o Anuário de 2018, com todas os projetos realizados pelo canal.

A temporada teve a participação de 118 jovens. As oficinas foram realizadas em Salvador, Fortaleza, Belém e Belo Horizonte. Foram escolhidos para participar das oficinas jovens estudantes selecionados a partir de uma inscrição feita na escola e universidades, negros e descendentes de indígenas.

A oficina é apresentada no programa no episódio *Making Off*, onde o telespectador pode acompanhar os assuntos discutidos por meio de depoimentos dos participantes e das pessoas que fazem parte do projeto. Nesse episódio vemos os oficinairos trabalhando na produção de seus projetos, escrevendo, editando, etc. São promovidas rodas de conversa com a participação de todo o grupo. A partir dos assuntos discutidos pelo grupo, são escolhidos temas e alguns participantes para terem as suas vidas e rotinas apresentadas nos demais episódios que seguem a mesma estrutura. Os jovens são apresentados e as cenas se dividem em narrações em *off*, feitas pelos próprios estudantes, e depoimentos em primeira pessoa, em um plano americano (da cintura pra cima). Alguns destaques da fala dos protagonistas aparecem na tela e *cards* apresentam dados oficiais que complementam a narração. O telespectador é apresentado ao território dos estudantes, sua rotina, seu espaço e contextos.

Como recurso metodológico para análise do discurso, optamos por fazer uma seleção de algumas imagens e recortes dos episódios. Neste capítulo, logo abaixo, faremos a descrição dos episódios com algumas fotos da oficina do projeto. No terceiro capítulo vamos apresentar outros elementos que contribuem na análise do

discurso sobre a forma como o enunciado é organizado e servem de apoio para contextualizar os assuntos abordados, como os cartões e frases que aparecem na tela e funcionam como grifos do programa e a transcrição dos depoimentos dos participantes no episódio *Making Off*.

### **2.3.1 Episódios da edição de maio de 2018 (a última edição antes da pandemia).**

#### **Racismo Institucional na Saúde**

<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/diz-ai-afro-e-indigena/v/6716957/>

10 min

Yara, Weverton e Jackson são jovens paraenses que enfrentam dificuldades cotidianas por estarem se tornando profissionais da área da saúde, um espaço que quase não se vê representatividade de profissionais indígenas e negros.

**Figura 1** – Cena do episódio:  
Weverton indo para o trabalho

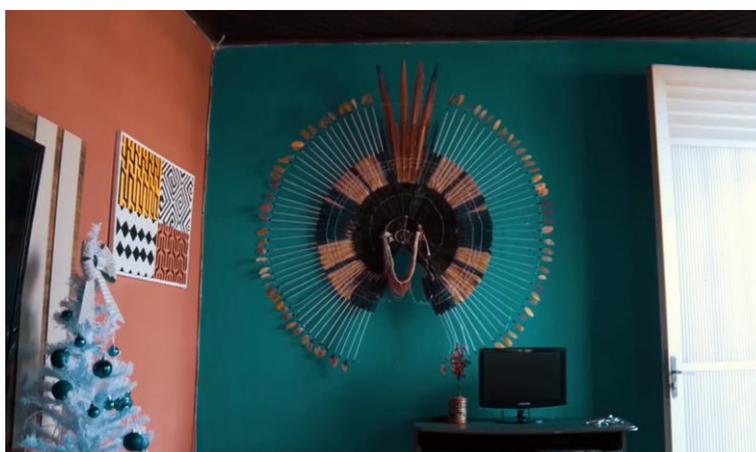
**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.



O episódio tem início com a apresentação de Weverton, estudante de Psicologia, negro, de 24 anos. A narração é feita por ele mesmo, vemos ele tomando café da manhã com a família, em uma casa com paredes de tijolos sem acabamento. Ele explica que por falta de outras referências escolheu o curso de psicologia. Ele diz que estudou em escola pública e leva 1 hora e meia para chegar

ao trabalho de van. Ele trabalhava como barman e depois ia para a faculdade. Ele sempre estudou em escola pública, e sentia dificuldade para acompanhar; sempre que entra na faculdade a segurança pede a carteirinha. Comenta que quase não há professor negro. Ele se preocupa em discutir a metodologia, o lugar do negro nesse espaço, na estrutura. O episódio se encerra com o depoimento de Weverton, sobre a forma que lida com a maneira de construir conhecimento, respeitando as suas raízes. Ele cita Zumbi dos Palmares e diz que está aprendendo as linguagens daquele espaço, mas que não vai se subordinar.

**Figura 2** – Cena do episódio: parede da casa de Yara



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Yara “Kapuruna” Ayllyn, 29 anos, estudante de Medicina. Sua casa tem adereços nas paredes que se referem a sua origem indígena. Ela explica que na aldeia ela sempre esteve próxima aos rituais de saúde e cura – uma avó era benzedeira e a outra parteira. Aparece andando pelo corredor do hospital que trabalha. Ela fez o curso de Medicina com uma bolsa para povos indígenas. Ela disse que se sente integrada e faz atendimentos aos povos indígenas e quilombolas. As imagens mostradas são da aluna junto com os outros estudantes e é dado um foco no jaleco branco com o nome da estudante de Medicina gravado. Ela diz que os professores não conhecem muito a realidade de um aluno indígena, se ele tem dificuldade de entender o Português, por exemplo e que pessoas não estão

preparadas para um índio médico, acham que ele será sempre o paciente. É muito comum que o indígena que busca a faculdade já tenha alguma atuação política dentro da aldeia, alguma liderança. A faculdade se preocupa em trazer o indígena, mas não em mantê-lo. Há um preconceito desde o processo seletivo, as perguntas têm cunho racista em relação à pureza da raça.

**Figura 3** – Cena do episódio: Jackson durante a aula



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

O próximo a ser apresentado é Jackson Alquimedici, 22 anos, técnico de Enfermagem. Jovem negro, que mora em uma casa simples com telhado sem forro e ele está arrumando a mochila para ir para o curso de enfermagem. Ele conta que no curso não há muitas pessoas negras e diz, também, que tem dificuldade para conseguir emprego e que faz bicos de garçom para conseguir pagar o curso. Ele comenta que a área de saúde exige um padrão imposto; por exemplo, ele não pode usar o cabelo do jeito que gostaria e os espaços são higienizados e burocratizados. Ele deseja se articular e ajudar as pessoas que estão sem serviço de saúde e na prevenção. Ele pesquisa saúde da população negra na região amazônica. A saúde é cuidada somente após o atendimento das benzedadeiras. Na turma a maioria dos estudantes é branco. É dado um foco no jaleco branco com o nome e curso.

### **Mercado Cultural para a Juventude Negra**

<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/diz-ai-afro-e-indigena/v/6716967/>

10 min

O mercado cultural e as políticas públicas inserem a juventude negra? Essas questões norteiam as vivências de Breno e do grupo Radiola Sound System, jovens do Ceará que buscam profissionalização através da Cultura.

**Figura 4** – Cena do episódio:  
Breno indo para a escola de dança



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Imagens de uma região pobre e com poucos recursos, um jovem está recolhendo roupas no varal em uma casa de alvenaria, sem acabamento. Breno Vilário, 23 anos, bailarino (acima). Ele aparece em um ponto de ônibus e explica que a dança é seu segundo plano. Ele está desempregado, é formado em técnico de logística e não consegue emprego. Ele dá aulas de dança para se *virar*, segundo suas palavras, em um projeto da prefeitura de Fortaleza, Rede Cuca. Fez quatro anos de balé clássico, já pensou em desistir várias vezes, pressão da família para encontrar trabalho fixo. Ele diz que gosta muito de trabalhar com a arte, mas tem dificuldade de se apresentar na comunidade onde mora, há muito preconceito, ele deseja fazer algum movimento social com essas pessoas.

**Figura 5** – Cena do episódio: Lucas, Tiago e Flauber



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Lucas Santos, 24 anos, produtor, Tiago Nogueira, 21 anos, seletor, e Flauber Ferreira, 21 anos, seletor; participantes do Radiola Sound System, são produtores culturais em Fortaleza de eventos de *reggae*. Trabalham em um espaço pequeno, com ventilador e paredes grafitadas. O projeto cultural promove oficinas para ensinar os jovens a organizar esses eventos e lidar com as aparelhagens. As imagens mostram os jovens com alicate na mão, desfiando um fio, empurrando as caixas de som e organizando o evento. Eles discutem sobre as vantagens e desvantagens de trabalhar na informalidade ou se profissionalizar fazendo um registro como Microempreendedor Individual (MEI), pois assim eles podem acessar os espaços, concorrer a editais e trazer facilidades, pois chamadas públicas não chegam ao público da periferia. Os jovens comentam que os projetos culturais da prefeitura são centralizados no centro da cidade e eles querem privilegiar a comunidade onde moram com eventos de baixo custo e, para isso, eles fazem concessões para manter o projeto vivo, vendem rifa etc. Na cena de Lucas dançando há um cartaz pendurado com a frase “É preciso tornar mais humana a vida da nossa gente”.

### Arte como enfrentamento ao racismo

<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/diz-ai-afro-e-indigena/v/6736713/>

10 min

Efigênia, Bruno e Verilucy encontram na arte formas para combater o racismo, dialogar com essas juventudes e entender o que é ser jovem negra na periferia de Belo Horizonte: *Diz Aí Afro e Indígena* (páginas seguintes).

**Figura 6** – Cena do episódio:  
Efigênia indo para o trabalho



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Efigênia Maria, 28 anos, jornalista e professora de teatro, quilombola que mora em Belo Horizonte, se autodeclara militante e diz que se descobriu negra a partir do momento que sofreu racismo: foi uma tomada de consciência. Trabalha a vivência negra com as crianças na escola, questões nordestinas, por meio do teatro, cultura afro-brasileira e a sua contribuição para o país. Deseja mostrar a gama de oportunidades que há para os negros, não é porque é negro que tem que ser artista. A educação abre portas para todos, diz que foi a primeira a se formar e depois vieram os irmãos e primos. Ela entende que o negro tem que estar onde ele quiser, conquistar espaços e diz que essa luta é da sociedade como um todo.

**Figura 7** – Cena do episódio: Bruno em sua casa



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Bruno de Melo, 25 anos, negro, professor de Popping e Bacharel em Letras. Ele declara que a Educação foi um divisor de águas na vida dele e que a Cultura o salvou. Na casa, em uma mesa há um quadro com a informação de 1º lugar no duelo de MCs e uma caixa com a foto de Che Guevara.

Ele teve uma infância difícil, quando precisou escolher um caminho para ganhar dinheiro mais “fácil” ou arrumar uma profissão. Influenciado pelo gosto da mãe em *soul music*, aos 16 anos começou a dar aula de dança.

**Figura 8** – Cena do episódio:  
Verilucy na escola onde leciona



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Verilucy Cristine, 23 anos, estudante de Pedagogia e professora de Hip Hop. As imagens são feitas na escola onde ela dá aulas. Ela diz ter vontade de casar a educação com a Cultura *Hip Hop*, por isso desenvolveu um projeto a partir da realidade das crianças que são ouvintes de *rap*. Tem como desafio apresentar novos caminhos para as crianças de acordo com a realidade delas. Percebe que própria realidade dela provoca identificação e representatividade para a maioria dos alunos, que são negros como ela. Entende que a Educação é política e fortalece a formação como profissional e pessoa. Ela se formou e trabalha em uma escola pública.

### **Cidade e a relação com a Juventude Negra e Indígena**

<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/diz-ai-afro-e-indigena/v/6756820/>

10 min

Percorremos as vivências de três jovens baianos, Ana Paula, Fanny de Oliveira e Awenã Torres sob a ótica da relação entre espaço, bairro e das diferentes perspectivas de vida de cada um.

**Figura 9** – Cena do episódio: Fanny em sua casa



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Fanny de Oliveira, 21 anos, fotógrafa e filósofa. Apaixonada pela arquitetura das cidades periféricas em Salvador que, segundo ela, representa o coletivo e a comunidade. Ela mora em uma comunidade que ela chama de “minha favela”. Filha de empregada doméstica e de um pedreiro, ouvia que precisava estudar para ser alguém e se pergunta se ela não é alguém. Ela conta que demora para chegar no centro da cidade e tem que pegar quatro ônibus todos os dias. Como fotógrafa,

retrata as festas populares da comunidade para valorizar o que se produz localmente. As cenas mostram a rotina de Fanny e as festas populares, como a de Iemanjá, que acontecem no bairro.

**Figura 10** – Cena do episódio:  
Awenã faz vídeos para seu canal no Youtube



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Awenã Torres, 18 anos, presidente da Associação Indígena Pataxó da Aldeia Nova Canoa. Youtuber que produz conteúdo sobre as juventudes indígenas e temas que não são discutidos nas comunidades. A cidade é mostrada por todo o episódio. Ele fala dos problemas de integração de posse dos povos indígenas e que participou de mobilizações para entender o significado do momento para a comunidade. Ele vive em uma aldeia urbana e é questionado por conta dos estereótipos de que deveria viver em ocas, ao mesmo tempo em que denuncia que vivem na cidade porque suas terras foram roubadas. Ele defende a importância da participação das juventudes nos movimentos sociais e entende que as pessoas veem os indígenas de forma estereotipada. Trabalha pela organização das juventudes indígenas e na valorização da sua cultura, pois toda cultura é libertadora.

**Figura 11** – Cena do episódio:  
Ana Paula dá depoimentos em sua casa



**Fonte:** Reprodução/Canal Futura.

Ana Paula Rosário, estudante de Ciências Sociais, ativista do Instituto da Mulher Negra – Odara. Ela diz que tem história e pede respeito ao seu gueto, à sua memória. Fala sobre o preconceito e marginalização do bairro, que afasta as pessoas, e entende como sua missão ressignificar a história do bairro que teve importância na luta dos negros escravizados em Salvador, um bairro que tem história, apagada por causa da criminalização. Fala das mães sociais que cuidam dos jovens dos abrigos e que eles são espaço de reconstrução de reconhecimento do potencial dela. Ela quer trabalhar para conquistar autonomia para ela e para os outros jovens da comunidade e garantir o direito à cidade. Imagens mostram a comunidade pobre e com poucos recursos.

### **Making off**

<https://canaisglobo.globo.com/assistir/futura/diz-ai-afro-e-indigena/v/6737640/>

14 min

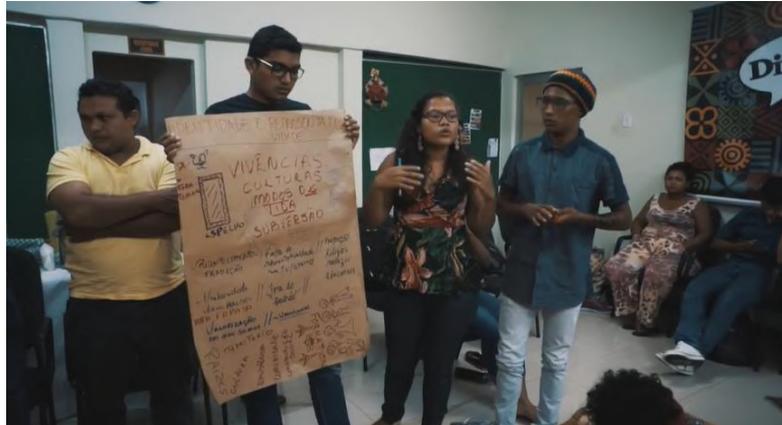
Jovens negros e indígenas tem subvertido a lógica da exclusão, questionando as ausências na sociedade e consolidando presença em espaços marcados por uma estrutura hegemônica e de racismo institucional (páginas seguintes).

**Figura 12** – Cena do episódio: fazendo roteiro



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 13** – Cena do episódio: escolhendo pautas



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 14** – Cena do episódio:  
líder do projeto explica que será trabalhado  
o eixo temático das juventudes negra e indígena



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 15** – Cena do episódio:  
jovens reunidos produzem para o projeto



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 16** – Cena do episódio:  
jovem desenvolve material para o projeto



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 17** – Cena do episódio:  
jovem edita material gravado



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 18** – Cena do episódio: com o educador social



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 19** – Cena do episódio: entrega de certificados



Fonte: Reprodução/Canal Futura.

**Figura 20** – Cena do episódio: Thamires e Larissa, diretoras do projeto

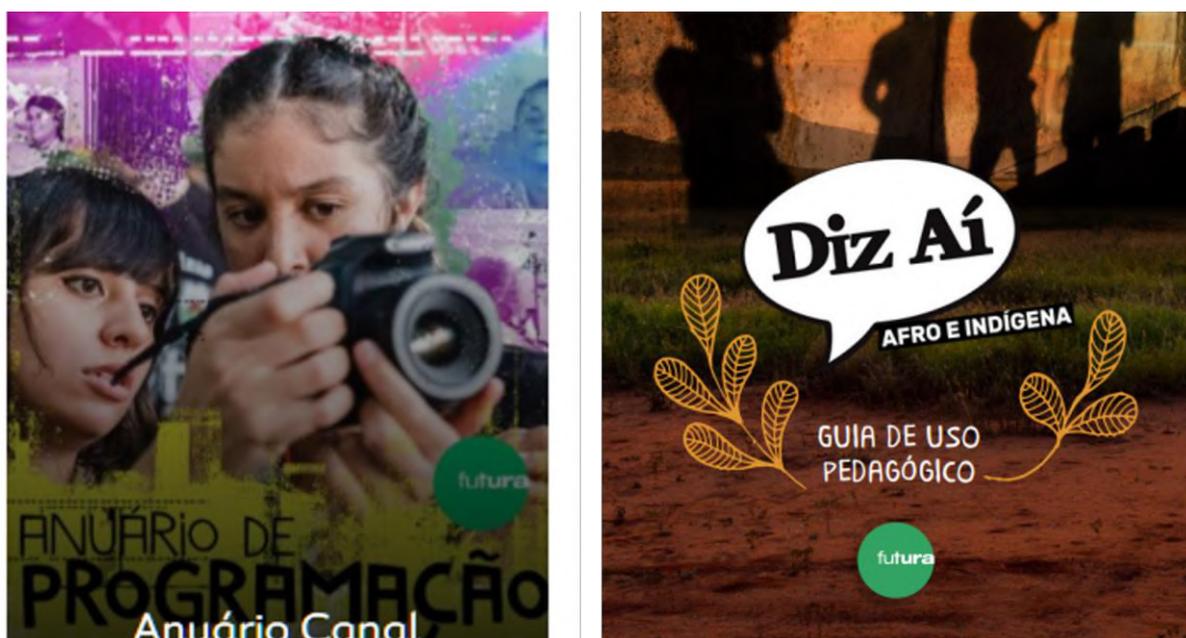


Fonte: Reprodução/Canal Futura.

### 2.3.2 Guia Pedagógico do Programa Diz Aí e Anuário 2018<sup>8</sup>

No site do Canal Futura, na seção Publicações, está disponível o guia com indicações de como os episódios podem ser utilizados para desenvolvimento de atividades em sala de aula. As atividades são apresentadas com objetivo geral, específico e descrição da atividade proposta. Nesta seção também é possível acessar o Anuário de 2018, um material produzido pelo canal para ser utilizado pelas escolas, comunidades, ONGs e telespectadores em geral, com a compilação de todos os projetos realizados no ano. O anuário traz as ações realizadas de forma estruturada para que possam ser utilizadas nos anos seguintes, pois os programas costumam ser reprisados na grade do canal. Segundo o site do canal, o objetivo do material é “mostrar aos nossos usuários aquilo que nos torna únicos e singulares como produtores de TV e idealizadores de projetos educativos, sempre escolhendo conteúdos, abordagens e formatos...” (LIBONATI; GARCIA, 2019, p. s/n)

**Figura 21** – Publicações do projeto *Diz Aí*, disponíveis no Canal Futura



**Fonte:** Montagem feita pela autora, a partir de reproduções/Canal Futura.

<sup>8</sup> O Guia Pedagógico e o Anuário podem ser encontrados no site do Canal Futura, em Publicações: <https://www.futura.org.br/publicacoes/>. Acesso em: set. 2022.

Neste capítulo, discorreremos sobre a importância da mídia como meio de informação e conhecimento para a população brasileira e a importância da produção midiática audiovisual na disseminação dos ecossistemas comunicativos a partir da criação de espaços dialógicos como ferramenta educativa. Também apresentamos o histórico do Canal Futura e seu alinhamento com essa proposta a partir de um projeto de televisão educativa informal unindo Comunicação e Educação para transformar pessoas e a sociedade.

Na última parte do capítulo iniciamos a apresentação do nosso objeto de pesquisa, o programa *Diz Aí*, que nasce a partir de um projeto do canal. Conhecemos seu formato de produção e destacamos os conteúdos tratados em cada episódio. No próximo capítulo vamos iniciar a análise do discurso dos episódios além de fazer uma análise comparativa com o discurso da Educomunicação.

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO: PROGRAMA *DIZ AÍ* X EDUCOMUNICAÇÃO

Com o objetivo de discutir como as práticas da Educomunicação são identificadas no programa *Diz Aí*, a partir do seu discurso, iniciaremos a análise para identificar os elementos do discurso encontrados no programa, o tipo de narrativa e as situações históricas que influenciam nesse contexto. Neste capítulo também vamos analisar, a partir do referencial teórico estudado até aqui, se há pontos em comum entre o discurso da Educomunicação e do programa *Diz Aí*, quais são eles e se a produção pode ser entendida como um tipo de intervenção midiática educacional. Para a análise do discurso vamos buscar referências teóricas nos estudos de Eni Orlandi sobre a origem e o conceito da Análise de Discurso e Luiz Fiorin, sobre Dialogismo e Ideologia, dentre outros.

#### 3.1 O discurso no Programa *Diz Aí*

Entender o sentido de um texto, seja ele oral, escrito ou visual, não é tão simples, pois entre a língua e a fala temos o discurso, e nele, todos os elementos linguísticos estão incluídos. A compreensão de um discurso se dá na medida em que somos capazes de interpretar um enunciado a partir de um contexto histórico, carregado de crenças e ideologias trazidas, consciente ou inconscientemente, pelo indivíduo psicológico que o pronunciou.

O enunciado é uma frase, ou uma sequência delas, inscrita num contexto, pois aborda a situação comunicativa em que o falante está inserido e leva em consideração além da linguagem, o indivíduo que está imerso num contexto sociocultural e atravessa a história, trazendo a outros indivíduos valores e crenças que, muitas vezes, nos impedem de compreendê-lo de imediato, como explica Orlandi:

A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há um método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto (ORLANDI, 2008, p. 26).

De acordo com Orlandi (2008), o estudo do objeto da Análise de Discurso, doravante AD, a saber, o discurso, já se apresentara de forma não sistemática em diferentes épocas e segundo diferentes sentidos, porém sem considerar sua exterioridade, ou seja, sua relação com o contexto histórico. A Análise de Discurso teve como precursor, na França, na década de 1960, o filósofo Michel Pêcheux em um contexto social que incluía grandes protestos estudantis querendo a reforma no sistema educacional culminando na maior greve geral da Europa quando os operários se uniram aos estudantes nos protestos. Nesse contexto, a Análise do Discurso tinha como objeto de estudo o discurso e não a língua, e introduziu na reflexão sobre a língua, o sujeito, a história, a ideologia e o inconsciente. O tripé da AD é formado pela articulação das áreas de Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise; os conceitos foram reelaborados dentro da teoria da AD. Para Orlandi (2008), ela pode ser considerada uma teoria marxista do discurso, pois Pêcheux, em virtude de ser marxista, usa a arma linguística como um novo meio de abordar a política e defende que as enunciações são resultado das relações sociais que o sujeito estabelece.

A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2008, p. 15).

A partir dessa observação, Fiorin (2021) explica que o ato de produção do discurso é chamado de Enunciação e o seu produto, o Enunciado. O Enunciador é quem organiza os esquemas da narração. Há sempre alguém (um eu) que diz, ele é o enunciador do discurso e a pessoa a quem o eu se dirige, o tu, o enunciatário. “O eu e o tu são os actantes da enunciação, os participantes da ação enunciativa. Ambos constituem o sujeito da enunciação” (Fiorin, 2021, p. 56), um depende do outro para que o discurso exista, ambos participam da construção do enunciado.

Nos episódios da edição de 2018, do programa *Diz Aí*, analisados neste trabalho, podemos observar os participantes falando, em alguns momentos dando testemunho e em outros narrando o seu dia a dia. Com base na explicação de Fiorin, eles são os enunciadores e são parte do enunciado do programa.

Quanto aos efeitos de sentidos, a posição do enunciador no discurso interfere diretamente porque os discursos podem ter efeitos de subjetividade quando narrados em primeira pessoa, pois o enunciado está carregado das percepções do narrador, já que o “eu” se coloca no interior do discurso, ou de objetividade quando narrados em terceira pessoa. Em um dos relatos do programa, um participante fala: “Não existe essa representatividade ainda porque a gente tem uma sub-representatividade. A gente não está representado de fato. A gente está lá pra que tenha um negro.” Ao usar “a gente” o enunciador mostra que se identifica com o enunciado, ele se inclui no acontecimento, o que Fiorin (2021) chama de “debreagem enunciativa”, cujo efeito de sentido é de subjetividade porque demonstra a percepção do enunciador em relação a forma como os negros são tratados na sociedade.

O lugar de fala dos participantes é destaque em todos os episódios e com mais ênfase no episódio que apresenta os bastidores onde os participantes das oficinas falam sobre a própria condição social e na escolha dos temas dos trabalhos realizados por eles. O papel do tu, ou enunciatário, é interpretar o que o enunciador diz. Entendemos que esse papel é exercido por outros participantes das oficinas do projeto *Diz aí* que interagem entre si ou mesmo o telespectador que acompanha o programa, mas esse último não é objeto de análise desta pesquisa. Para esta análise, estamos trabalhando com as definições do quadro abaixo, elaborado a partir dos conceitos apresentados por Fiorin (2021).

**Quadro 5** – Conceitos apresentados por Fiorin (2021)

<b>Enunciado</b>	<b>Enunciação</b>	<b>Enunciador</b>	<b>Enunciatário</b>
É toda combinatória de elementos linguísticos, provida de sentido	É o ato por meio do qual o falante produz enunciados	É o destinador da enunciação (o falante).	É o destinatário da enunciação (o ouvinte)

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Segundo Fiorin (2021), há um conjunto de regras que se relacionam para gerar o percurso de um discurso e que essa combinação produz um determinado sentido. Ele descreve três níveis para a geração do sentido de um discurso: o Profundo ou Fundamental, o Narrativo e o Discursivo. No nível Fundamental, estão as categorias semânticas que são a base da construção de um texto, como as

relações de contrariedade, de oposição e de negação, como nos episódios do programa *Diz Aí* que confrontam a desigualdade social no Brasil em oposição à oportunidade das classes privilegiadas, que é negada aos jovens pretos e indígenas “personagens” do programa.

No nível Narrativo, há a narratividade que “é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes” (Fiorin, 2021, p. 27). Nesse processo de um estado inicial para um estado final, há várias fases; uma delas é a *performance*, em que se dá a transformação central da narrativa (mudança de um estado a outro). No *Diz Aí*, essa fase da narrativa se percebe a partir da tomada de consciência dos participantes da oficina a partir dos debates, dos diálogos. O espaço é outro elemento muito importante na narrativa do programa, quando os personagens são apresentados no lugar onde moram ou nos galpões onde ocorrem as oficinas. Quanto ao tempo da narrativa, não temos um momento definido da ação, o que dá o efeito de atemporalidade e de perpetuação da condição em que eles se encontram.

O terceiro nível é o Discursivo, que é o nível concreto do discurso, quando exemplificam o que é falado, como as cenas que fazem parte do início de cada episódio do *Diz Aí*: casas humildes, paredes sem acabamento, ônibus cheio, um único negro na classe – essas imagens são símbolos do discurso do programa. Essas marcas fazem parte do percurso do discurso e atuam como uma argumentação dele.

Nesse percurso, os objetos simbólicos ajudam na formação do sentido do discurso do programa *Diz Aí*. A enunciação no programa se dá por meio da fala, das imagens, dos cartões e das frases exibidas na tela. Orlandi (2008), descreve que em um discurso há três cenas das quais o leitor pode perceber o sentido.

As cenas da enunciação são a cena englobante, relacionada ao tipo de discurso; a genérica, ao gênero; e a cenografia, o meio pelo qual as cenas fazem sentido. O quadro cênico é necessário para que se compreenda do que determinado discurso fala: a partir do quadro cênico e da cenografia, podemos avaliar o *ethos*, ou seja, valores, ideias ou crenças, bem como descobrir suas intenções, ou o oculto delas, suas faces, se negativa ou positiva. Empreender a AD significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu.

No programa *Diz Aí* podemos perceber que o quadro cênico tem extrema relevância para apresentar o personagem do episódio, tanto que essa construção se repete em todos os outros episódios da série como podemos ver no Capítulo 2. A partir dessas cenas, o enunciado é construído apresentando o contexto social dos participantes, todas pessoas que moram em bairros afastados dos grandes centros, em casas simples, e em suas narrações é possível perceber que passaram por muita dificuldade para estudar, serem reconhecidos e se sentirem parte da sociedade. Essa união entre imagem e fala dá ao enunciado a argumentação necessária para envolver o enunciatário no contexto apresentado pelo enunciatário.

**Quadro 6** – O discurso, segundo Orlandi (2008)

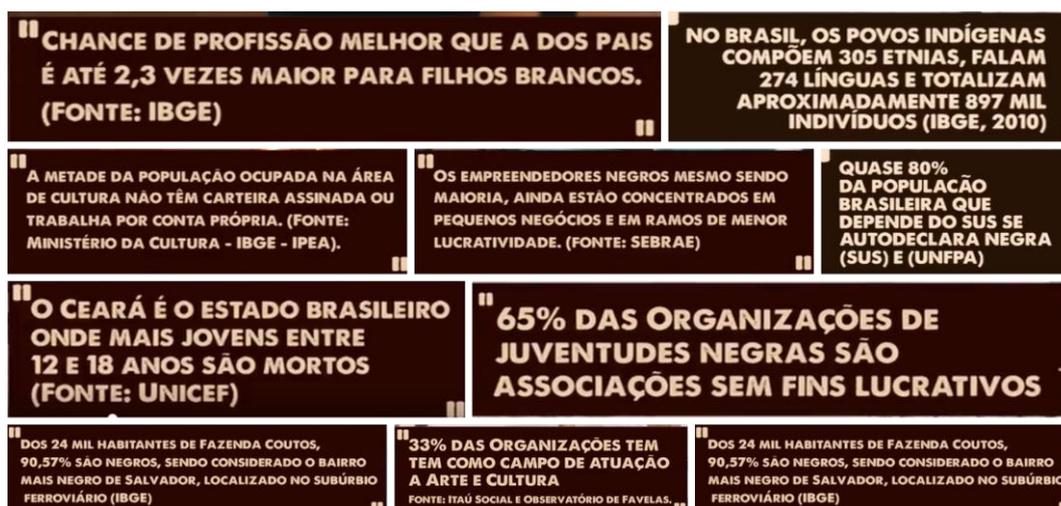
Quadro Cênico do Programa Diz Aí		
Cena Englobante	Gênero	Cenografia
Discurso direto em 1ª pessoa. O narrador conta a própria história, o que reforça a veracidade dos fatos.	O enunciado é oral, o enunciatário fala para a câmera, alterando momentos em que ele narra a própria história e em outros em que faz a narração em off. A linguagem é informal.	As cenas apresentadas nos episódios seguem a mesma construção. O episódio começa mostrando o local onde ele mora, depois o local onde trabalha ou estuda, e seu papel na sociedade.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

O enunciatário no programa se apresenta em primeira pessoa, ele é protagonista da própria história, e o discurso reforça o sentido de verdade, pois não se configura em uma representação estereotipada pelo outro, já que os próprios participantes se apresentam e falam sobre si mesmos. Essa construção cria o efeito de proximidade com a enunciação, é o mesmo efeito causado por autobiografias, documentários, que mostra o espaço do aqui e agora, o mundo real, segundo Fiorin (2021).

O programa ainda reforça o sentido de veracidade ao utilizar o recurso de apresentar informações complementares por meio de dados que são inseridos na tela em formato de cartões com informações do IBGE, UNICEF, SEBRAE, que são instituições respeitadas pela sociedade. Os cartões também ajudam na contextualização da narração com informações sobre o universo dos participantes.

**Quadro 7 – Frases exibidas na tela durante os episódios (I)**



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Segundo Orlandi (2008, p. 30), “os sentidos, não estão só nas palavras, no texto, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e não dependem só das intenções dos sujeitos”. Não há discurso neutro ou inocente, pois o sujeito enunciativo faz a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica, e assim veicula valores, crenças, visões de mundo dos lugares que ele ocupa, portanto, podemos detectar no discurso do indivíduo não só os conteúdos conscientes, mas também os inconscientes e ideológicos.

Para Fiorin (2010), ideologia é uma visão de mundo, é um ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, um conjunto de ideias que são usadas para representar e justificar a ordem social, as condições que o homem vive e as relações de uns com os outros. Ele lembra que podem existir várias visões de mundo de acordo com as classes sociais, mas a ideologia dominante será a do modo de produção dominante naquela sociedade.

Há ainda uma coisa muito importante que não devemos esquecer. Embora haja, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. No modo de produção capitalista, a ideologia dominante é a ideologia burguesa (FIORIN, 2010, p. 31).

A ideologia molda a realidade e é moldada pela realidade. Para Fiorin (2010), cada classe social tem as suas visões de mundo, que são vinculadas às suas

linguagens e discursos que, por sua vez, são materializados por meio de temas e figuras. Durante o processo de aprendizagem, o homem aprende essa formação discursiva e a reproduz, solidificando algumas visões de mundo pré-concebidas. O discurso dominante em uma sociedade é o discurso da classe dominante, interiorizado pelo homem, que assimila esse discurso e o reproduz em sua fala. Para Fiorin (2010), o conjunto desses discursos interiorizados formam a consciência humana, logo, a consciência é influenciada pelas relações sociais.

Fiorin (2010) explica que a *Formação Discursiva* é o conjunto de temas e figuras que materializam uma dada formação ideológica presente numa determinada formação social é um registro histórico e social e que coerência semântica do discurso é obtida através da tematização e da figurativização. Ele chama esses conjuntos de percurso temático e percurso figurativo.

Na tematização, os valores do texto são organizados por meio da recorrência de traços semânticos que se repetem no discurso e o tornam coerente; já na figurativização, os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem traços de revestimento sensorial. Segundo ele, “O enunciador pode combinar figuras ou temas de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica” (FIORIN, 2021, p. 120). A partir dessa explicação podemos verificar o percurso temático e figurativo do programa *Diz Aí*.

Quanto ao percurso temático, identificamos que os temas recorrentes nos episódios são os que expressam as dores do grupo social destacado no programa, negros e indígenas. No caso do programa o discurso não representa a classe dominante, os temas abordados são racismo, educação, saúde, trabalho, representatividade, diversidade e inclusão social e cultural.

Os personagens não são apresentados de forma estereotipada e abordam temáticas complexas sobre o universo periférico, como no caso do episódio sobre a relação da juventude negra e indígena com a cidade. A recorrência de temas dá voz às pessoas da periferia. Essa recorrência temática que dá coerência ao texto, Fiorin chama de Isotopia, “o que dá coerência semântica a um texto e o que faz dele uma unidade é a reiteração, a redundância, a repetição, a recorrência de traços semânticos ao longo do discurso” (FIORIN, 2021, p. 112).



universo vocabular dos participantes do programa *Diz Aí* e têm um significado que representa o grupo.

E é com base nesse universo vocabular que se exploram as palavras geradoras em um triplo plano: sua riqueza fonética ou capacidade para formar o maior número possível de vocábulos, sua densidade referencial ou de vinculação com o contexto em que o vocábulo se inscreve; e seu poder de mobilização existencial que a palavra tem dentro do grupo (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 40).

A importância da linguagem é complementada por Fiorin (2011) quando explica que a linguagem é produto social e histórico e por isso ela representa uma maneira de ver a realidade que vai impregnar o discurso de um grupo. Essas palavras são a base do universo linguístico dos jovens que participaram das oficinas do projeto *Diz Aí*, construído a partir das suas vivências de sua formação ideológica e de um conteúdo discursivo carregado de preconceitos, aversão e hostilidade, formando uma unidade maior de sentido, a enunciação, que representa o seu lugar social, que determina a classe que eles fazem parte na formação social.

Além da repetição temática e das palavras geradoras, no percurso figurativo do programa *Diz Aí*, identificamos as imagens recorrentes de comunidades, favelas, casas simples; a característica comum de tais espaços é a escassez, expressa inclusive na inexistência de serviços essenciais à vida nas grandes cidades, tais como saneamento básico, transporte público, escolas, postos de saúde, etc. É com essa significação, exposta acima, que o termo *periferia* se faz presente nos textos midiáticos e deixa mais claro para o enunciatário de onde se está falando.

As imagens, assim como os outros elementos do discurso atuam como argumentação do discurso, como explica Fiorin (2010). No ato da comunicação, o enunciador utiliza em seu discurso vários mecanismos para persuadir o enunciatário, “deseja que o enunciatário creia no que ele diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc.” (FIORIN, 2010, p. 74). Nos episódios, essa argumentação pode ser vista por meio de vários elementos.

Para Fiorin (2010), todo discurso carrega uma ideologia; já para Orlandi (2008), é na língua que a ideologia se materializa. A partir do conceito de identidade ideológica de Fiorin (2010), onde ele relaciona a aprendizagem linguística com a aprendizagem de um discurso que cria uma consciência verbal, unindo os indivíduos

ao seu grupo social e a reprodução do discurso desse grupo, realizando uma formação ideológica que é a visão de mundo, conjunto de representações que explicam as condições de existência daquele grupo, entendemos que o programa *Diz Aí* ajuda a formar uma identidade ideológica, que é o papel que o indivíduo exerce no interior de uma formação social. Esse discurso aprendido e compartilhado provoca reflexão e transformação.

Como o *corpus* dessa pesquisa é uma produção midiática, acreditamos ser necessário explorar um pouco mais as particularidades do discurso televisivo. Nosso objeto de estudo, o programa *Diz Aí*, é produzido pelo Canal *Futura*, um canal de televisão educativa. No ar desde 2008, o *Diz Aí* é uma série de programas de curta duração, que aborda questões relacionadas à juventude na voz dos próprios jovens. A série reflete o trabalho da equipe de Mobilização e Articulação Comunitária do Canal Futura no diálogo com redes, coletivos e organizações de juventude de todas as regiões do país. Na tela, o que se vê é o calor dessas reflexões, a voz, o rosto, o sotaque, a identidade das múltiplas juventudes brasileiras.

Para Patrick Charaudeau (2013), a comunicação midiática está carregada de efeitos possíveis, e nem sempre o sentido será o mesmo para os envolvidos na enunciação. É na articulação de todas as particularidades desse meio que nasce o sentido. Segundo ele, “a televisão é o domínio do visual e do som, lugar da combinação de dois sistemas semiológicos, o da imagem e o da palavra” (CHARAUDEAU, 2013, p. 223). A articulação da imagem e da palavra gera vários tipos de enunciação, segundo Charaudeau. A palavra, como para os outros suportes, é encenada seguindo cinco tipos de enunciação: a descrição-narração (do fato e do dito), a explicação, o testemunho, a proclamação, a contradição.

Entendemos que o tipo de enunciação que mais se encaixa com o formato da enunciação do programa *Diz Aí*, é o testemunho, quando os *personagens* do programa relatam fatos sobre a sua rotina, suas dores e como se relacionam na sociedade, em um discurso direto com o telespectador ou com os outros participantes da oficina. O testemunho dá o sentido de verdade para o discurso como diz Charaudeau:

É uma forma de enunciação que revela, ou pelo menos confirma, a existência de uma realidade com a qual o enunciador teve contato. Esse é, pois, levado a dizer o que viu, ouviu ou tocou, sem análise nem julgamento. A palavra de testemunho compromete o sujeito sobre uma verdade que “provém apenas do corpo” (como se diz em Direito), o que lhe confere os traços da pureza e da autenticidade. A palavra de testemunho instaura o imaginário da “verdade verdadeira”. O testemunho pode ser enunciado por um sujeito anônimo ou por um sujeito que tenha certa notoriedade. Se é anônimo (para o telespectador), para que seu dizer participe do acontecimento midiático, o testemunho que der a respeito de si mesmo ou da vida será tido como válido para todos aqueles que pertencem à mesma categoria (com isso, não será confundido com a simples testemunha numa entrevista de rua) (CHARAUDEAU, 2013, p. 224).

**Quadro 8 – Exemplos de enunciados identificados no programa**

<b>Testemunho dos participantes no episódio Making Off</b>
Legenda: P (participantes) e D (produtores do projeto Diz Aí)
<p>P: “Tive muita dificuldade também pra achar uma foto que me representasse porque, nossa, tantas coisas me representam e eu sou um pouquinho de cada coisa também, acabo transitando por vários universos, me descobrindo, né? E a vida que te faz isso, né? Também é transitar por esses universos, descobrir novas possibilidades de diálogos na sociedade que permitem sobreviver, né? Que hoje em dia é difícil, mas a gente está na luta.”</p> <p>P: “A gente precisa entender que esse processo é muito difícil, é doloroso falar de racismo, entendeu? É doloroso tu chegar na tua comunidade e tentar explicar algo que geral não entende.”</p> <p>D: “Quando vocês veem televisão vocês se sentem representados?”</p> <p>P: “Não. Nenhum pouco.”</p> <p>P: “Você ligar a televisão e ver uma mulher negra falando ué nossa muito legal. Mas eu costumava achar que isso era suficiente, mas em dia eu vejo que não. A Camila, por exemplo, que trabalha e faz faculdade, ela se formando, ela é representatividade pra mim e pra outras mulheres negras. Entendeu? Não só uma questão de mídia. Porque a mídia, ela só tá aí pra vender. E eu não quero ser produto nesse mercado.”</p> <p>P: “Não existe essa representatividade ainda porque a gente tem uma sub-representatividade. A gente não está representado de fato. A gente está lá pra que tenha um negro.”</p> <p>P: “De uma questão também, assim a gente sempre vai ser o exótico. Então assim negro é o exótico. Então vai passar o negro vai passar aquele lado é de tirar foto, que é o lado exótico, que não é essência de ser negro.”</p> <p>P: “Assim como indígena, assim como no nosso caso, só aparece aquele índio de quinhentos e dezessete anos atrás.”</p> <p>P: “A minha, do meu projeto, é a mãe que vai matricular seu filho numa escola e quando ela chega lá o secretário faz perguntas pra ela até então o pai dele aparece, o pai dele é negro e o secretário já ficou uma cara de negação. Aí é que pergunta, qual é a cor do seu filho? Aí ela diz, meu filho é negro. Aí ele pega, ele disfarça, aí ele olha pra ela e diz, não há vagas.”</p> <p>P: “A gente vai fazer a cena que ela vai tá passando com os amigos e o outro amigo vai xingar o cabelo dela. Aí nisso eu vou estar com esse outro amigo e eu vou dar uma lição de moral nele e tal, vai ser bem legal.”</p> <p>P: “A gente vai gravar no espelho, que é um rapaz que tá falando mal de si mesmo, entendeu? Ele tá pensando o que as pessoas vão dizer.”</p> <p>P: “Esse processo, ele é muito importante na nossa construção de identidade e entendimento porque a gente se relaciona com o outro aqui de uma forma muito diferente esse diálogo mais próximo. Isso é tudo transformador dentro da gente. Esse encontro é como se fosse um abraço.”</p>
Continua

P: “Como nós sabemos nem todos os negros eles são empoderados e a partir do momento que eu tenho esse tipo de reunião com pessoas que tem a mesma raça que a minha. Nós estaremos discutindo a nossa própria realidade e tendo em si tomando posse da nossa representatividade.”

P: “Eu acredito que é um passo que a gente está dando principalmente de se conectar na Amazônia porque às vezes a gente existe e resiste mas cada um *pro* seu canto e a partir do momento que a gente começa a falar das nossas dores uns pros outros, juntos, a gente consegue que essa voz seja potencializada.”

D: “O eixo temático que a gente vai discutir é a juventude negra e indígena e a partir daí a gente vai conversar e trocar ideias, sempre trabalhando audiovisual como esse elemento que une. O que vocês estão discutindo, com a visibilidade.”

P: “E aí eu fui descobrindo através do rap minha própria história com 15 anos de idade eu formei um grupo de rap assim.”

P: “Quando eu tinha quatorze anos eu comecei a estudar no Colégio Militar, me formei no Colégio Militar enquanto eu me formava como bailarino.”

P: “Enquanto preta não binária e homossexual, de família tradicional brasileira e ter uma espiritualidade diferente da minha família e ter só dezesseis anos. É o tabu da minha vida.”

P: “Me julguem, que me chamem do que quiserem e eu vou fazer por mim e pelos meus.”

P: “Gente, é cinco minutos, vamos lá. começar, vamos lá. Público-alvo.”

P: “O que que leva o policial a me abordar, sabe? Será que é racismo? Ou será que ele quer me dar uma dica somente de como eu devo me vestir ou me podar? Será que é racismo ou ele quer me dar atenção?”

P: “O nosso projeto, ele fala sobre se unir, sobre estar junto e a gente tá tentando fazer isso, tentando retratar a juventude se unindo fazendo um cartaz onde mobiliza as pessoas.”

P: “O nosso projeto se chama é muita treta preta e ele vai falar sobre o empoderamento estético.”

P: “O nosso projeto está falando sobre identidade e representatividade, a gente está focando mais o negro nos espaços de trabalho de atuação.”

P: “Pra mim estar participando dessa oficina é um ganho muito grande já que eu vou poder aproveitar bastante o que eu aprendi aqui. O conhecimento e a forma como a gente debateu vários assuntos que são importantes para a nossa negritude.”

P: “Pra que mais jovens possam acessar esse tipo de conhecimento e esse conhecimento possa ser disseminado na nossa própria sociedade.”

P: “E assim atingir um público ainda maior para se voltar para essa causa, que na verdade não é uma causa negra, mas uma causa humana.”

P: “De 2014 pra cá a Internet virou um instrumento mais do que já era para mobilização. A gente viu que a paralisação nacional, acho que foi em 2015, rolou um ato nacional em Brasília e a gente viu que toda a parada foi articulada pela Internet.”

P: “Esse encontro está sendo pra mim assim muito agregador porque a gente vai ver a vivência de várias pessoas que, né, tão nessa luta cotidiana, diária. E aí eu acredito que o prisma é como se fosse um óculos que você põe e com esse óculos você consegue ver outros ângulos, outras questões.”

P: “Eu lembro muito de uma frase da Tássia Reis que é se eu fugir da pobreza eu não escapou da depressão então alguns de nós eles conseguem sim mas quando você vai ver a vida da pessoa é como se ela tivesse tido que se destruir por dentro para conseguir se enquadrar no sistema que às vezes nem é válido.”

P: “Nosso primeiro passo para construir alguma coisa é esse diálogo com a juventude.”

D: “Aí então, aí essa série com os jovens negros e indígenas esse processo de empatia era muito grande porque a gente tinha pouco tempo para poder construir algum tipo de intimidade com esses jovens que a gente acabou filmando e eu acho que o processo de ser mulher negra e também vir de outros contextos fez com que a galera fizesse uma abertura muito mais rápida da sua rotina da sua vida por conta de ver, de se ver de alguma forma.”

Continua

D: “A série *Diz Aí* a gente fez em 4 episódios, cada episódio nasceu de cada contexto de cada região. Eu acho que a gente percebe que mesmo sendo jovens negros e indígenas do Brasil todo, existem muitas divergências, divergência não, diferenças que eu acho importante sim pelo contexto compreender, aquela frase todo preto é igual, quando a gente vai por região a gente entende que os pretos não são iguais, mas que tem pontos de encontro que é como o racismo trata todo preto, né, eu sempre tô falando isso, o racismo trata todo mundo da mesma forma, mas a gente reage e a gente existe de forma muito diferente. É isso.”

D: “E aí tão se reconhecendo?”

P: “Eu sou de Catu de Abrantes, faço parte de uma agência colaborativa comunitária na minha comunidade visando levar um pouco da nossa cultura, um conhecimento que existe nas nossas ruas.”

P: “Tenho 25 anos, já fiz dança, gosto de teatro, música é minha sina. De punho cerrado eu já consigo ver as pretas e os pretos juntos no poder.”

P: “Bom dia, me chamo Ayala Santana, faço parte de um coletivo de 8 mulheres negras, coletivo Zeferinas, trabalhamos com poesias marginais nas periferias de Salvador, denunciando as opressões vividas.”

P: “Somos obrigadas a deixar a nossa cultura para obter outras culturas sendo que nós temos uma cultura rica, nós temos que valorizar isso.”

P: “Enfim, não existe um lápis cor de pele porque a pele da gente tem vários tons, da mais escura à mais clara, então isso também tem a ver com estética.”

D: “Muito boa tarde a todos que estão aqui presentes. Como é que a gente cria oportunidade para uma população que teve um passado saqueado, um presente à beira da morte e um futuro meio incerto.”

P: “Hoje eu respiro o que eu produzo, não o que uma máquina, um sistema, faz com que eu tenha que produzir, para eles crescerem.”

P: “Não esquecemos o que é essencial, aqui no *Diz Aí* e em todos movimentos culturais conseguimos juntar e amarrar o nós em nós.”

P: “Todo mundo sabendo que os nossos passos vêm de longe, né, que é preciso a gente reconhecer que outras pessoas lá atrás lutou e resistiu para que esse espaço aqui hoje fosse construído.”

P: “O *Diz Aí* ele tá sendo a oportunidade muito massa de conhecer outras pessoas conhecer outras histórias e de alguma forma a gente tentar se comunicar dentro das vivências de cada um né.”

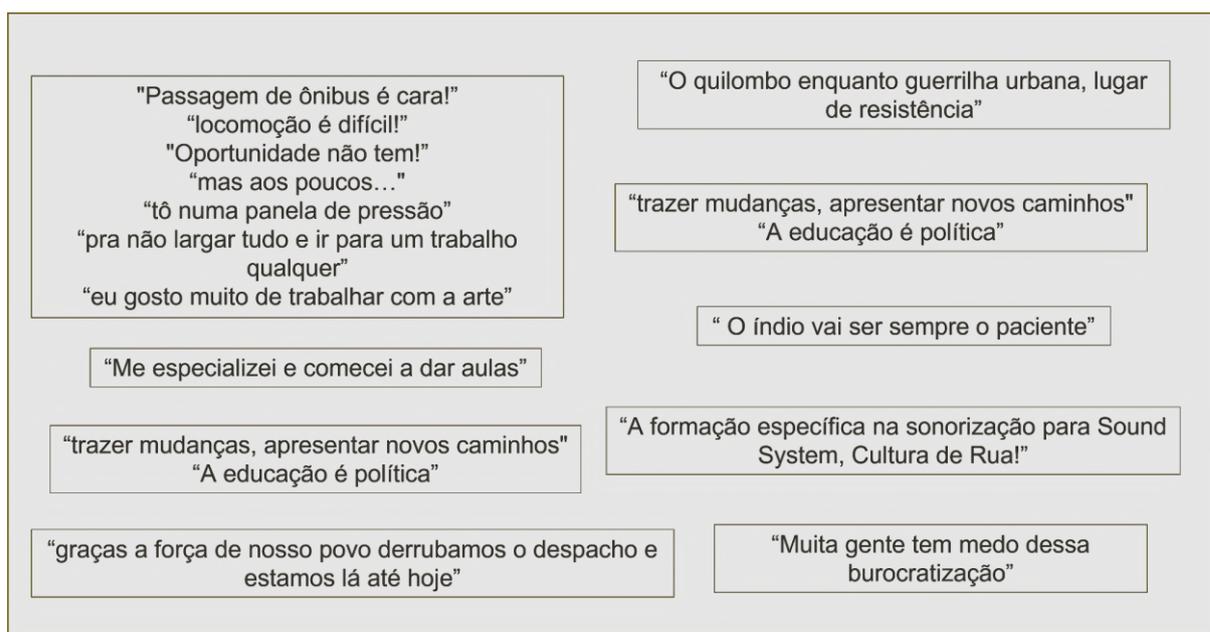
P: “É muito importante a gente ter voz, a gente conhecer nossa história, a gente se pertencer se enxergar na sociedade é isso.”

P: “Participar disso aqui foi algo mágico, algo que eu vou levar para a minha comunidade, vou tentar criar projetos, criar formas que vão enriquecendo minha comunidade através do que eu aprendi aqui.”

P: “Eu penso que liberdade é uma palavra que resume muito bem tudo o que foi aqui ontem e hoje, agradecer a todos que participaram e que nos acolheram, eu percebi que um acolheu ao outro, isso foi muito legal, eu me senti muito acolhido aqui, muito obrigado mesmo.”

Conclusão

**Fonte:** Elaborado pela autora.

**Quadro 9** – Frases exibidas na tela durante os episódios (II)

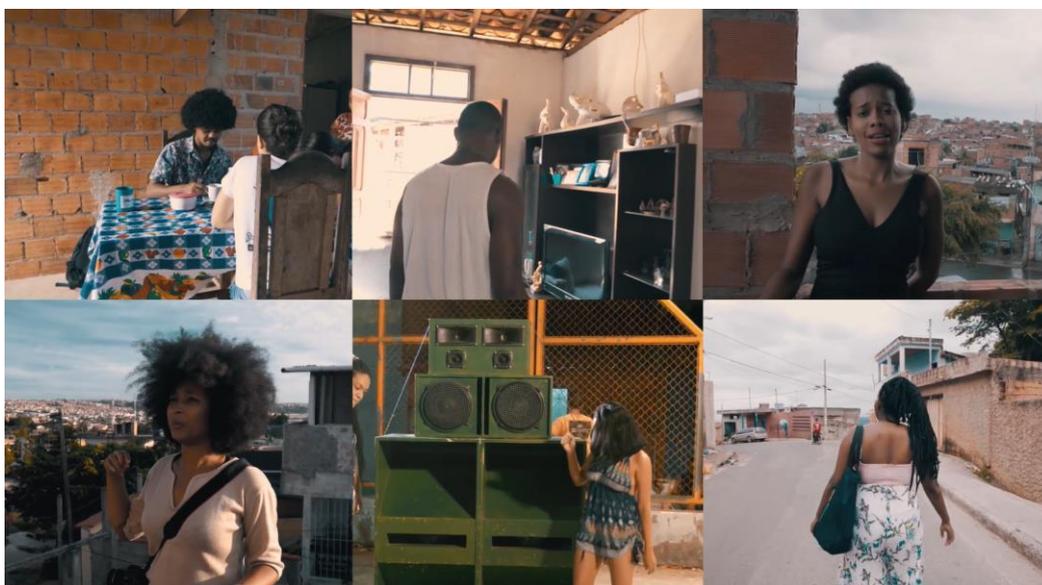
Fonte: Elaborado pela autora.

Charaudeau (2013) afirma que a informação depende da linguagem e a maneira como ela se organiza produz sentido em uma situação de comunicação, ideia que é complementada por Fiorin quando este diz que "a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado" (2021, p. 75). É o enunciado se organizando para dar o sentido para a enunciação. As imagens são uma forma de organizar os sentidos e persuadir o enunciatário.

Tão significativo como o *testemunho* são o que Charaudeau (2013) chama de imagens com efeito sintoma, técnica bastante utilizada na televisão, que provoca um efeito de sentido coletivo quando uma imagem é repetida várias vezes em situações semelhantes e acaba por fazer parte do imaginário popular que a associa a imagem a uma determinada situação. Podemos perceber esse percurso no discurso do programa *Diz Aí*, onde as imagens do início de cada episódio mostram a casa dos *personagens* o local onde eles moram e dessa forma é construído um quadro comum associado a conceitos de carência, pobreza, periferia, desigualdade que são temas tratados no programa ou mesmo na vinheta de abertura do programa onde palavras geradoras do discurso do programa são pintadas a mão.

Todas as imagens têm sentido, mas nem todas têm necessariamente efeito sintoma. É preciso que elas sejam cheias daquilo que mais atinge os indivíduos: os dramas, as alegrias, os sofrimentos ou a simples nostalgia de um passado perdido. A imagem deve reenviar a imaginários profundos da vida (CHARAUDEAU, 2013, p. 4).

**Figura 23** – Cenas das casas dos participantes de alguns episódios do programa



Fonte: Elaborado pela autora.

**Figura 24** – Mosaico com as palavras que fazem parte da vinheta de abertura do programa



Fonte: Elaborado pela autora.

Charaudeau (2013) fala que quando se trata de analisar o discurso na TV vários aspectos devem ser levados em consideração, como as condições da produção e da recepção, e da restrição da construção do produto. É necessário olhar todas as faces. É impossível descrever a totalidade da realidade. A mídia apresenta uma fatia dessa realidade pois há muitos detalhes, daí a crítica que muitas vezes a televisão recebe por conta da sua parcialidade. É uma representação da realidade. A dificuldade em se analisar a mídia televisiva é que nunca se sabe realmente quem pode responder por uma informação, quem seria o enunciador de um enunciado: quem fala ou quem produziu o programa ou mesmo o dono do canal onde o programa está sendo veiculado.

Para Fiorin, o enunciador pode construir uma visão de mundo que não seja necessariamente a dele, mas que não cabe ao analista se preocupar com o enunciador real, “mas com o enunciador inscrito no discurso, ou seja, com aquele que no interior do discurso diz eu” (2010, p. 49). Baseado nessa afirmação podemos dizer que se olharmos o projeto *Diz Aí* a partir do canal em que ele é veiculado, o agente do discurso é o Canal *Futura* que pertence a Fundação Roberto Marinho, mas entendemos que os participantes do projeto são os enunciadores porque assumem o papel de narradores do discurso do programa, os sujeitos que exteriorizam o discurso atuando como um suporte do discurso, o que reforça o sentido de verdade do discurso.

A imagem é suscetível de produzir três tipos de efeitos: um efeito de realidade, quando se presume que ela reporta diretamente o que surge no mundo; um efeito de ficção, quando tende a representar de maneira analógica um acontecimento que já passou (reconstituição); um efeito de verdade, quando torna visível o que não o era a olho nu (mapas, gráficos, macro e micro tomadas de imagem em close-up, que, ao mesmo tempo, se realizam e fazem penetrar o universo oculto dos seres e dos objetos) CHARAUDEAU, 2012, p. 111).

No entender de Fiorin (2010), um discurso sempre cita outro discurso, e Orlandi (2008) concorda, ao dizer que um discurso aponta para outros que o sustentam. Fiorin (2010) chama de *Intertexto* o conjunto de discursos a que um discurso remete e no interior do qual ele ganha seu significado pleno. Como os temas dos episódios foram escolhidos a partir das reuniões do grupo, fica claro que representa a visão de mundo desses jovens, o que podemos relacionar com os

conceitos de Educomunicação trazidos no primeiro capítulo desta dissertação e que vamos retomar a partir daqui.

### **3.2 O discurso da Educomunicação no Programa *Diz Aí***

Conforme Fiorin (2010), o enunciador de um discurso age no mundo, ele produz um sentido que influi sobre os outros com a intenção de que o enunciatário creia no que ele diz e faça alguma coisa. Esse ato gera uma tomada de consciência que, mesmo que não gere uma ação, faz com que o outro tenha um conhecimento que não tinha antes. Desta forma, se o discurso reproduzido for de formação dominante, ele reforça essa estrutura, mas ao representar outras formações discursivas, pode fazer pensar sobre as estruturas sociais. “Sem pretender que o discurso possa transformar o mundo, pode-se dizer que a linguagem pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação”, diz o autor (FIORIN, 2010, p. 74). Entendemos que no programa *Diz Aí* os participantes ora são o enunciador e ora o enunciatário do discurso, que é representativo do grupo participante, negros e indígenas; a linguagem utilizada é de entendimento de todos e as dores desse grupo são problematizadas no decorrer dos episódios.

Nesse processo, a linguagem gera a tomada de consciência apontada por Fiorin (2010) dando voz aos oprimidos que enfrentam a realidade de forma reflexiva e crítica promovendo a conscientização política, como afirma Paulo Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido*. Segundo Freire (2020), o combate à opressão passa pela conscientização, principalmente política. No caso específico da conscientização política, o oprimido precisa dar-se conta da situação concreta de injustiça e opressão existente no mundo para se fortalecer como sujeito individual e, sobretudo, coletivo, com capacidade e atitude de intervir no mundo e de fazer história.

Nesse processo político, eles passam a se organizar e a assumir o próprio processo de libertação, tornando-se sujeitos da própria história e da transformação social. É para que eles mesmos, por meio da problematização e da reflexão, descubram e entendam que a realidade, com sua estrutura injusta, não é um dado imutável, mas que é dinâmica e contraditória, bem como passível de intervenção e de mudanças. Mudar é difícil, mas é possível. Esse fortalecimento dos sujeitos

individual e coletivo é um dos objetivos das intervenções educacionais, por meio de uma ação comunicativa essencialmente dialógica e participativa, como diz Soares (2014) em sua definição do que é a Educomunicação, cujo conceito está fortemente atrelado à Educação Popular como dissemos no Capítulo 1 deste trabalho.

A transformação proposta pela Educação Popular, tem como objetivo transformar a estrutura social injusta e reorganizar o sistema social, político, econômico e educacional, e combater as desigualdades sociais e as estruturas de opressão. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire diz que o oprimido tem que ser sujeito da própria libertação, "a pedagogia do oprimido é aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele" (2020, p. 43). É a alfabetização conscientizadora, aquela em que a pessoa não aprende apenas a ler palavras, mas aprende a ler o seu mundo, a ver criticamente por conta própria, é a conscientização que acontece a partir das problematizações feitas pela própria pessoa em comunhão com a sociedade, no exercício da cidadania, "Quando a experiência democrática dos seus direitos não é dada, não é outorgada pelo governo, mas quando se participa da construção da própria sociedade. É o que chamamos de democracia ativa" (BRANDÃO, 2014, p. 119). O discurso da Educação Popular dialoga, diretamente, com um projeto político de sociedade, assim como o da Educomunicação, para promover a cidadania por meio da conscientização.

A Educomunicação pretende habilitar os cidadãos a exercerem seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação, o que implica em, por meio de ações educativas, conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção de conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida (ALMEIDA, 2016, p. 15).

Fiorin, em seu livro *Introdução ao Pensamento de Bakhtin* (2011, p. 19), diz que "todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados". Assim, o discurso da Educomunicação estabelece relações dialógicas com a Educação Popular, que também dialoga com as teorias marxistas. Esses discursos representam uma visão de mundo, uma ideologia. Segundo Fiorin, para Bakhtin, todo discurso busca ser compreendido e o texto pode ser visto como um *tecido de*

*muitas vozes*, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, se respondem uns aos outros ou polemizam entre si. “Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, no enunciado, ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes” (FIORIN, 2011, p. 23). Essas relações dialógicas influenciam na construção dos sujeitos a partir de vários enunciados ou discursos.

O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância (FIORIN, 2011, p. 47).

Na edição de 2018 do programa *Diz Aí*, as vozes dos jovens negros e indígenas reforçam o discurso da necessidade de protagonismo e de espaço para que esses temas sejam discutidos. No programa podemos perceber um discurso de muitas vozes que se complementam. A dialogicidade que os episódios estabelecem com o grupo é um dos pontos chave desse processo que conecta pessoas com interesses em comum e que por isso pode ser considerada um ecossistema comunicativo. A expansão da visão de mundo e a forma criativa de aprender e de transmitir conhecimento são ações possibilitadas pelas relações dialógicas que mobilizam esses jovens.

O programa abre espaço para uma conversa horizontal sobre as dores da juventude negra e indígena, o processo educacional é aberto e democrático. Os participantes são protagonistas do programa, compartilham as suas histórias, contribuindo para o estabelecimento do diálogo, assim como devem ser as intervenções midiáticas para a Educomunicação, que, segundo Almeida, precisam envolver o público-alvo, usar seu vocabulário e componentes do seu cotidiano, “sendo feito a partir de uma perspectiva participativa e assegurando o uso de estratégias que promovam a interação e a livre expressão do público-alvo” (2021, p. 27).

O diálogo na Educomunicação tem que ser horizontal, colaborativo, com afeto, no sentido de afetar e ser afetado pelo outro. Os ecossistemas são teias de relações entre as pessoas. A tecnologia aparece como ferramenta para melhorar

essa relação. O discurso da Educomunicação pode ser considerado político, porque segundo Paulo Freire (2021), educar é um ato político, mas principalmente humanista por voltar seu olhar para o homem e seu desenvolvimento.

Ou, como diz Soares:

A relação dialógica não é definida pela tecnologia e sim por um tipo de convívio humano que dela se apropria visando à convivência saudável. O convívio saudável é dependente de ecossistemas democráticos, com fluxos de comunicação abertos, dialógicos, participativos, pois é só por meio do diálogo coletivo que a formação do sentido, a articulação e a mobilização se tornam possíveis. Essas são as características de um ecossistema de comunicação educacional (SOARES, 2011, p. 45).

Que complementa:

As áreas de intervenção do campo da educomunicação são, sobretudo, “pontes” lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, do terceiro setor, da escola, oferecendo um diálogo sobre determinado âmbito da ação educacional (SOARES, 2011, p. 49).

No episódio *Making Off*, do programa *Diz Aí*, podemos identificar mais de um tipo de intervenção alinhada com a Educomunicação:

**Educação Para a Comunicação:** Que é a capacitação para a comunicação cidadã e horizontalizada, formando cidadãos alfabetizados, capazes de entender a mídia e se comunicar usando a ampla variedade de linguagens que circulam na sociedade contemporânea, quando os jovens se reúnem em grupo para debater e gravar seus depoimentos.

**Pedagogia da Comunicação:** Uso de recursos da comunicação para facilitar a construção do conhecimento, quando osicineiros aprendem a usar as tecnologias para produzir seus trabalhos, escrevendo roteiros, gravando vídeos e desenvolvendo outras práticas, como vemos nas cenas destacadas abaixo:

**Figura 25** – Mosaico com cenas de oficinas



**Fonte:** Elaborado pela autora.

**Expressão pelas artes:** Ao dialogar usando as linguagens artísticas; quando um dos grupos escolhe a dança e a música para falar de sua condição social.

**Produção Midiática:** Ao produzir conteúdo midiático com a finalidade educativa a partir da comunicação de valores e conceitos usando produtos midiáticos; quando são apresentados os episódios do dia a dia de alguns participantes da oficina, a produção é feita por profissionais, uma característica dessa intervenção.

**Gestão da Comunicação:** Implantar e otimizar fluxos de comunicação em ecossistemas comunicativos; quando produz um guia com indicação como os episódios podem ser utilizados nas escolas para gerar debates e construir um ambiente para que os alunos possam se expressar.

Projetos como o *Diz Ai* cumprem o papel de criar ecossistemas comunicativos, ampliando a capacidade de expressão dos jovens a partir de ações educacionais. No programa *Diz Ai* os participantes não são somente receptores, mas também produtores de conteúdo por meio dos trabalhos desenvolvidos durante as oficinas e também nas comunidades em que vivem.

Soares (2011) fala da importância de desenvolver ecossistemas comunicativos, abertos e criativos. Ele ressalta que Educomunicação não emerge

espontaneamente, ou seja, precisa ser construída intencionalmente, por meio de ações inclusivas, democráticas, criativas e midiáticas.

O resultado de projetos como o *Diz Aí* podem ser acompanhados a partir do envolvimento dos jovens que participaram do projeto. Neste ano em que o Canal *Futura* completa 25 anos estão sendo exibidos programas especiais colhendo depoimento de alguns jovens que fizeram parte da história do canal. No programa do dia 6 de setembro de 2022, episódio 18<sup>9</sup>, foi entrevistada Fanny Oliveira, protagonista do episódio *Cidade e a relação com a Juventude Negra e Indígena*, da edição de 2018, nosso objeto de estudo.

Fanny, é fotógrafa em Salvador e educadora. Ela relata na entrevista a importância do projeto na sua vida, “faz parte da minha trajetória enquanto sujeito”. Participar do programa a fez refletir sobre a importância de olhar o próprio território e ter voz enquanto moradora. Ela trabalha com projetos que buscam dar espaço para as representações culturais locais, da periferia de Salvador, local onde mora.

**Figura 26** – Festas culturais na periferia de Salvador (BA)



**Fonte:** Acervo Zuruba; projeto de Fanny Oliveira.

Por todos os motivos apresentados neste capítulo entendemos que o projeto *Diz Aí* parte de uma proposta educomunicativa e é um exemplo de intervenção midiática educomunicativa, que contempla ações, programas e produtos da mídia elaborados a partir do parâmetro educomunicativo, desde seu formato de produção até os discursos alinhados às bases da Educomunicação.

<sup>9</sup> Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/10914257/>. Acesso em: 04/12/2022.

Como disse Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2021, p. 24). Podemos perceber isso por meio dos depoimentos de um participante: “Participar disso aqui foi algo mágico, algo que eu vou levar para a minha comunidade, vou tentar criar projetos, criar formas que vão enriquecendo minha comunidade através do que eu aprendi aqui.” Para Martín-Barbero (2014, p. 40), “as palavras saídas do universo existencial do homem voltam a ele transformadas em modo de ação sobre o mundo”. Essa *práxis*, ação-reflexão-ação, é a base da Educomunicação e dos discursos que influenciaram a sua definição, como já dissemos anteriormente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tratamos da produção audiovisual a partir da perspectiva da Educomunicação. Para isso, escolhemos como *corpus* as cinco edições de 2018 do programa *Diz Aí*, exibido pelo Canal Futura. Como supracitado, a Educomunicação nasceu da reflexão de que novas práticas se formaram de duas áreas do conhecimento, a saber, a Comunicação e a Educação, que eram diferentes das práticas isoladas de cada uma das áreas de conhecimento.

A escolha do tema foi justificada dada a importância do papel dos grandes grupos de mídia na sociedade, sendo a TV o seu principal representante, com uma participação significativa como meio de informação e entretenimento, além da motivação em pensar a relação da Comunicação com a Educação a partir das nossas raízes latino-americanas. Por meio do programa *Diz Aí*, a televisão divide com a escola, a partir da proposta da Educomunicação, a tarefa de educar, mesmo que de maneira informal. Daí a importância de estudarmos como isso se dá, destacando as produções midiáticas audiovisuais que estimulam a reflexão sobre a realidade e dê espaço para o protagonismo dos jovens para promover transformações sociais.

Quando a pesquisa foi iniciada, constatou-se por meio de Revisão de Literatura não sistemática, realizada em janeiro de 2021, no portal de periódicos CAPES e no *site* Google Acadêmico, que havia poucos estudos sobre o tipo de intervenção educacional Produção Midiática, principalmente audiovisual e com a finalidade de análise do discurso. Esta lacuna foi percebida também nas publicações especializadas da área e pelas pesquisas de Pinheiro (2013) e Camy (2020). A partir desta constatação entendemos que havia espaço para investigação no âmbito acadêmico e podemos concluir que houve contribuição para a epistemologia da Educomunicação nesta pesquisa, já que o conceito de Educomunicação vem sendo construído ao longo do tempo e é desconhecido por muitos. Neste trabalho conseguimos relacionar a influência do contexto histórico com o seu desenvolvimento e suas práticas, bem como ressaltar as diferenças dos conceitos de Media Literacy e Midia Education, do conceito mais amplo da Educomunicação.

Este trabalho foi guiado pela pergunta: Como se caracteriza a produção de um programa audiovisual educacional na TV aberta? Para responder ao problema da pesquisa definimos como objetivo geral analisar o discurso dos cinco episódios da edição de 2018 do programa *Diz Aí*, do Canal Futura a partir dos preceitos da Educomunicação. Escolhemos como nosso objeto de pesquisa, o programa *Diz Aí*, do Canal Futura, que foi produzido por uma TV aberta e educativa e que fez parte de um projeto que não se autodenominava educacional, mas que, a partir das nossas análises, se mostrou um exemplo de uma produção midiática educacional que explora as relações dos jovens com a comunidade, seguindo os parâmetros da Educomunicação. Nossos objetivos foram alcançados durante a pesquisa conforme descrevemos abaixo.

No primeiro capítulo do trabalho mapeamos as bases teóricas do conceito de Educomunicação, sua evolução e suas aplicações. Educomunicação significa planejar, implantar e avaliar processos e produtos para criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários da mídia de massa, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas. Evidenciamos por meio desta pesquisa a diferença de sentido da Educomunicação, focada nas relações de comunicação entre as pessoas, as comunidades e a sociedade, que nasceu na América Latina, contextualizada com as nossas raízes, em comparação às visões americanas e europeias da *Midia Education*, com foco nos meios de comunicação e seus conteúdos, e *Media Literacy*, que têm o foco em como fazer e como analisar a mídia como fenômeno midiático. Mostramos, também, que o histórico político da América Latina contribuiu para que o conceito fosse muito mais abrangente por aqui. Vimos que o contexto tem grande influência nos processos sociais e, desta forma, conseguimos atingir o objetivo esperado nesse capítulo.

No capítulo 2 do trabalho caracterizamos como as produções midiáticas na TV aberta podem contribuir para criar espaços dialógicos e educar informalmente, contribuindo para a construção da cidadania. Para isso, trouxemos dados que comprovaram o alcance da mídia televisiva, o que colabora com dois pontos: sua importância como meio de informação e conhecimento para a população brasileira e

com a disseminação de ecossistemas comunicativos por meio da produção midiática audiovisual, que cria espaços dialógicos como ferramenta educativa. Percebemos isso no programa *Diz Aí*, que proporcionou o encontro de jovens de diferentes regiões para dialogar sobre suas realidades. Neste capítulo também apresentamos o histórico do Canal Futura e seu alinhamento com essa proposta a partir de um projeto de televisão educativa informal, que uniu a Comunicação e a Educação para transformar pessoas e a sociedade, e detalhes do *corpus* da pesquisa, o Projeto *Diz Aí*, como o histórico do programa, início, número de edições, temas abordados e também os episódios da edição de 2018.

No terceiro capítulo discutimos como as práticas da Educomunicação foram identificadas no programa *Diz Aí*. Para tanto, analisamos o discurso dos cinco episódios da temporada 2018 do programa. Fizemos um recorte escolhendo algumas imagens, falas e cenários recorrentes e depoimentos/testemunhos. Procuramos entender seus enunciados, os recursos de linguagem verbal utilizados, seus efeitos de sentido, a construção narrativa, identificar o grupo social dos sujeitos do discurso, situações históricas que influenciaram no contexto e seu alinhamento com a Educomunicação. Mediados pelos referenciais teóricos pesquisados, tanto em relação ao conceito e práticas da Educomunicação como da Análise de Discurso, conseguimos atingir o objetivo de identificar as práticas do tipo de intervenção pesquisada, a Produção Midiática Educomunicativa, mas também percebemos a utilização de outros tipos de intervenção, algo muito comum nos projetos educacionais.

Com isso, afirmamos que a hipótese levantada como resposta para o problema da pesquisa foi confirmada após o percurso aqui resumido, a produção do projeto *Diz Aí* se caracteriza como um exemplo da prática da Educomunicação nas produções midiáticas por promover o diálogo e a participação de jovens em um processo de contraposição e contradição de ideias, os colocando como protagonistas, sendo esse um dos princípios da Educomunicação. Foi possível perceber que o discurso do programa está alinhado com os parâmetros da Educomunicação. Ressaltamos que a experiência dos participantes é muito mais significativa e transformadora do que a do telespectador, porém em nenhum momento pretendeu-se nessa pesquisa fazer uma análise de recepção do conteúdo.

Para atingir os nossos objetivos, utilizamos uma metodologia de pesquisa que partiu de uma abordagem qualitativa e teórica, com objetivo exploratório, por entendermos que as práticas educacionais não são extensamente conhecidas no âmbito geral e, especificamente, na produção midiática, a partir da bibliografia sobre o tema, constituído principalmente de livros e artigos científicos, e das informações do projeto que constam no site do Canal Futura. A base teórica interdisciplinar que sustentou este trabalho envolveu vários autores que discutem o tema na atualidade, assim como os precursores do conceito desde a década de 1960, além de teóricos da Análise do Discurso. Procuramos promover uma discussão entre as teorias e uma costura de ideias que pudessem responder ao nosso problema para caracterizar a produção de um programa audiovisual educacional na TV aberta, e entendemos que conseguimos contribuir com o entendimento do que é a Educação e suas práticas, porém sabemos que tivemos algumas limitações e por isso temos algumas recomendações para futura pesquisas.

Como a Educação nasce e se sustenta a partir da *práxis* – ação-reflexão-ação –, entendemos que seria de grande valia para esse trabalho se tivéssemos tido a oportunidade de usar a metodologia de pesquisa-ação. Porém, as condições no período inicial da pesquisa não foram propícias devido à pandemia da Covid-19, que se instalou no país com resultados imprevisíveis, restringindo o nosso campo de atuação e exigindo uma adaptação no projeto da pesquisa. Outra limitação que percebemos durante a pesquisa foi a falta de contrapontos à Educação. Na verdade, não encontramos muitas críticas ao conceito e entendemos que isso ocorre porque a grande maioria das pesquisas estão em nichos onde o conceito se desenvolveu, como a Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). A Educação é vista por muitas pessoas como uma utopia que parte de uma visão de mundo idealizada; vemos nessa afirmação uma lacuna, onde encontramos espaço para novas pesquisas na área, afinal há vários projetos educacionais que podem ser pesquisados *in loco*. Aproveito para registrar a dificuldade que tive enquanto pesquisador por conta da minha pouca experiência em pesquisa e, também, pelo contexto de quem precisava dividir o tempo entre trabalho e pesquisa, uma realidade comum à grande maioria

dos brasileiros; porém, pude contar com o apoio dos professores do programa em todos os momentos.

Essa experiência nos deixa à vontade para deixar algumas recomendações para futuras pesquisas na área. Tentamos fazer uma análise o menos subjetiva possível, cruzando as teorias sobre Educomunicação e suas áreas de intervenção, discutindo seus fundamentos e suas propostas a partir da Análise do Discurso do programa *Diz Aí*, e buscando afinidades com o discurso da Educomunicação. Esta pesquisa não tem a intenção de esgotar o objeto estudado, pois é somente um recorte, e esperamos que seja um ponto de partida para novas análises. Acreditamos que alguns pontos podem ser aprofundados em futuras pesquisas, como o papel decolonial das propostas de Paulo Freire, que influenciaram o surgimento da Educomunicação. Outro ponto que acreditamos ser importante desenvolver, que citamos acima, é uma pesquisa crítica com um levantamento das práticas educacionais e seus resultados alcançados que comprovem que a prática promove transformações sociais.

Este trabalho contribuiu a partir de uma pesquisa interdisciplinar com duas áreas do conhecimento, a Comunicação e a Educação e buscou colaborar para o avanço das pesquisas em Educomunicação no Brasil e também em outros países.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. B. C. **Formação do professor do ensino básico para a Educação para a mídia**: avaliação de um protótipo de currículo. 2012. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/102217>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- ALMEIDA, L. B. C. **Projetos de intervenção em educomunicação**. Campina Grande: [s. n.], 2016. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod\\_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615065/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 19 dez. 2022.
- BACCEGA, M. A. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. *In*: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31–41.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, C. R. Alfabetização conscientizadora em educação popular. *In*: GADOTTI, M. (org.). **Alfabetização e conscientização**: Paulo Freire, 50 anos de Angicos. São Paulo: IPF, 2014. p. 113–117. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/handle/7891/90002>. Acesso em: 19 dez. 2022.
- BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R. **Cultura rebelde**: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: IPF, 2009.
- CAMY, M. A. **Vinte anos de educomunicação no Centro-Oeste**: construção do campo a partir das produções científicas. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorih.ufms.br/handle/123456789/3760>. Acesso em: 19 abr. 2021.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CITELLI, A. O. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. *In*: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunicação**: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59–76.
- CONSANI, M. A. Produção midiática em educomunicação: uma vertente a ser construída. *In*: PARAMIO-PÉREZ, G.; DE-CASAS-MORENO, P. (ed.). **La educación mediática en entornos digitales**: retos y oportunidades de aprendizaje. Sevilla: Egregius, 2017. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/89555/978-84-17270-03-2.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

EDUCOMUNICAÇÃO. *In*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/educomunica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 dez. 2022.

EDUCOMUNICAÇÃO. *In*: ACADEMIA Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: ABL, 2021. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ESTEVES, A. L. L.; EITLER, K.; GARCIA, D. A. P. (coord.). **Almanaque das Redes Sociais da Futura**. Rio de Janeiro: FRM, 2010. Disponível em: <https://issuu.com/futurajornalismo/docs/almanaque2010>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ESTEVES, A. L. L.; GARCIA, D. A. P.; EITLER, K. (coord.). **Almanaque das Redes Sociais da Futura II**. Rio de Janeiro: FRM, 2013. Disponível em: [https://issuu.com/futurajornalismo/docs/almanaque\\_arte\\_web-completo-para-site-2013.pdf](https://issuu.com/futurajornalismo/docs/almanaque_arte_web-completo-para-site-2013.pdf). Acesso em: 19 dez. 2022.

FERREIRA, M. C. L. *et al.* **Glossário de termos do discurso**. ed. ampl. Porto Alegre: Pontes Editores, 2020.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, p. 177–207, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000100009>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação. *In*: NEVES, M. H. M. **Linha d'água**, n. 11, p. 107–110, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37185>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FIORIN, J. L. Língua, discurso e política. **Alea: estudos neolatinos**, v. 11, p. 148–165, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2009000100012>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 74. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 69. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FUTURA. Diz Aí, c2022. Disponível em: <https://www.futura.org.br/projetos/diz-ai>. Acesso em: 19 dez. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama Brasil**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>. Acesso em: 19 dez. 2022.

KAPLÚN, M. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

MARTÍN-BARBERO, J. Cidade virtual: novos cenários da comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 11, p. 53–67, jan./abr. 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36340/39060>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 122–134.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MESSIAS, C. **Duas décadas de educomunicação: da crítica ao espetáculo**. 2011. 240 f. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-24032012-102952/en.php>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MOTA NETO, J. C. *et al.* **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/handle/2011/8383>. Acesso em: 19 dez. 2022.

NERY, C.; BRITTO, V. Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021. **Agência IBGE Notícias**, [s. l.], 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021>. Acesso em: 19 dez. 2022.

NOTÍCIAS. 79% dos brasileiros assistem TV para se informar. **Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão**, Brasília, 14 out. 2015. Disponível em: <https://www.abert.org.br/web/notmenu/79-dos-brasileiros-assistem-TV-para-se-informar.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2008.

PEREZ, C. Em uma empresa de mídia tudo é responsabilidade social. **Jornal da USP**, 3 jun. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/em-uma-empresa-de-midia-tudo-e-responsabilidade-social>. Acesso em: 17 jun. 2022.

PINHEIRO, R. M. **A educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento da produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo.** 2013. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27022014-111812/en.php>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SCHADT, F. S. **Aportes para uma história de 20 anos no Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP (1996–2016).** 2021. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-08042022-093953/en.php>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma de Ensino Médio.** São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, I. O. Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas). **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 135–142, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOARES, I. O. A televisão e as prioridades da educação. **Comunicação & Educação**, n. 6, p. 22–28, 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81225>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOARES, I. O. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12–24, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**, n. 23, p. 16–25, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012>. Acesso em: 19 dez. 2022.

SOARES, I. O. Educomunicação: as perspectivas do reconhecimento de um novo campo de intervenção social, o caso dos Estados Unidos. **EccoS**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 61–80. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/225>. Acesso em: 19 dez. 2022.